3 1761 07041610 2

PQ
9261
C3Z548
cop. 2

Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro

Com um prefacio de
BRANCA DE GONTA COLAÇO

PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1922

Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro

Comp. e imp. na Imprensa de Manuel Lucas Torres
Rua de Diario Noticias, 59 e 61 — Lisboa

Cartas de Camillo Castello Branco a Thomaz Ribeiro

Com um prefacio de
BRANCA DE GONTA COLAÇO

PORTVGALIA
EDITORA
73, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1922

LIBRARY
MAR 14 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
C3Z548
cop. 2

CARTA Á MINHA IRMÃ

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/cartasdecamillo00cast

Minha adorada Irene:

Permitte que te dirija a ti as *Duas Palavras* com que desejo anteceder éstas *Cartas*, que em annos successivos de amizade mutua, Camillo Castello Branco escreveu ao nósso querido Pae.

Sem o dôce amparo moral da tua companhia, sentir-me-hia perdida no *mare magnum* da publicidade, com áres de querer pontificar a respeito d'um escriptor que fica tanto acima da craveira que me é permittido attingir, e semelhante perspectiva não me tenta.

Ácerca de Camillo não escreve quem quer, escreve quem póde, e eu não pertenço a êsse numero.

No procésso da sua glorificação ante a posteridade, o meu depoimento nunca poderia ser senão como aquelles de que nos tribunaes os advogados de accusação prescindem, e os de defêza tambem.

E' mais simples não ir ao tribunal.

Conversar comtigo, isso sim; sorri-me immenso.

O teu interêsse valorisa muito os meus emprehendimentos, e, ao fallar-te, eu nunca sinto aquella sensação que tu com tanta graça denominas *de ficar reprováda n'um exame.*

Dada a differença que existe entre as nossas edades, é impossivel que tu te lembres de ter assistido a tudo quanto eu desejo recordar aqui.

«Conversêmos» portanto.

Se algum leitor menos ataréfado tiver curiosidade de ouvir a nossa palestra, seja bemvindo a ouvil-a ; porem, se de escutál-a se enfadar, não poderá arguir-me de lhe ter annunciado algum estudo de monta, para afinal lhe fornecer o pouco substancioso manjar d'esta desataviada prosa.

*

* *

Antes de se chamar, para a nóssa admiração, — *Camillo Castello Branco*, o illustre auctor do *Eusebio Macario* chamou-se para o nósso terror apenas *O Camillo*, que era como a elle se referia, na ausencia, o nosso Pae ; e como tal, asseguro-t'o, a sua notoriedade, a nóssos olhos, nada ficou devendo á merecida fâma litteraria que disfructa.

O Camillo, telegraphava ; escrevia, partia, chegava, trovejáva, barafustáva eternamente, e eternamente ameaçáva ceus e terra de dar um tiro na cabêça, com um maldito *revolver* que para tão sinistro designio trazia sempre na algibeira.

A ameaça d'esse tiro, tinha o condão de congelar de pavôr o sangue das nóssas veias ; e o caso repetia-se duas, três, quatro vêzes na mêsma semana, em certas occasiões, quando a sorte nos não favorecia.

D'ahi... os sentimentos que outras creanças nutrem

pelo Papão, e pelas bruxas, alimentámol-os nós pelo notavel escriptor, que hoje tanto admirâmos, entre os astros da nossa litteratura.

Tu terias três annos, quando muito; eu, sete... pouco mais... Não podiamos comprehender a devoção, o culto com que os nóssos Paes viviam a adivinhar todas as vontades e a satisfazer todos os caprichos d'aquelle homem, que não sabia ameigar-nos, e que, para o nosso minusculo entendimento, era apenas o homem mais rabujento e mais feio de quantos conheciamos.

Tambem não podiamos avaliar como elle era desgraçado. Desgraçado, á maneira romantica, que não póde aferir-se pela bitola normal, mas desgraçado em summa.

Devemos reconhecer que a nossa infancia talvez tivésse sido um pouco monotona, á fôrça de amenidade, se *O Camillo* lhe não houvesse introduzido as variantes de sobresalto e permanente mobilisação, em que a sua maneira de ser era tão fertil.

*

* *

Ao nósso placido retiro de Carnaxide, chegava de vez em quando um telegramma fulminante.

O Camillo resolvêra pôr-se a caminho!

Queria que lhe arranjássem, sem demóra, uma casa mobilada, sem vizinhos, em determinádo bairro; ou então, quartos n'uma Pensão; — logares n'um Hotel, — accomodações, n'uma palavra; mas tudo logo, immediatamente; e que lhe prevenissem medicos...

— Adeus, felizes galopádas em fogósas cannas, que tão céleres nos transportavam pelas carreiras da quinta! Jôgo dos americânos, e lautos «jantarinhos,» com todo o «arroz dos telhádos» que as nóssas gulósas bonécas pudessem appetecer!...

Era preciso largar tudo, e partir: vir passar semanas interminaveis em acanhádos andares de Lisboa, (recórdas-te da Redação d'*O Imparcial*, na Rua Serpa Pinto?) e ir todas as tardes para casa d'aquellas pessôas tão graves e tão temidas, onde não se podia fazer o minimo barulho...

— E ainda nós considerávamos isso uma fortuna, se o fatal *revolver* não surgia, e não havia o tragico ensaio de suicidio, que tanto nos apavoráva.

Quando os animos estavam serênos, e a perigosa arma se mantinha occulta, ao mênos, e á falta de melhor, havia para nós a possibilidade de adormecer em qualquer canto, depois do jantar, perdendo, na inconsciencia da meninice, a prerogativa de ouvir conversar Camillo Castello Branco e

Souza Martins, Antonio Candido e Thomaz Ribeiro, e todas as pessôas illustres que rodeávam o escriptor, quando elle vinha a Lisboa.

Mas quando havia a *scêna*, Deus do Ceu !...

— Que medo o nósso !

— Uma das vezes, foi no *Hotel Durand:*

Quando nós entrámos, *O Camillo*, muito excitado, estava a ralhar não sei com quem, que em vão tentáva acalmál-o.

Havia no quarto varias pessôas, mais ou menos consternadas e afflictas.

D. Anna Placido chegou depois de nós, no peor momento.

Vinha da rua, muito queixosa e muito susceptibilisáda, porque uma senhora a quem fôra vizitar, creio que sua parenta, a pretexto de estar n'aquella occasião tomando banho, não a tinha querido receber !

A excitação de Camillo, ouvindo isto, attingiu o paroxismo : —sacou da tragica pistola, e ia apontál-a ao ouvido... quando todos os circunstantes em grita se precipitáram sobre êlle, e lh'a arrancaram da mão.

Armou-se uma balburdia indescriptivel !

Tu e eu, com o coração aos saltos e os cabellos em pé, procurámos refugio atraz de duas avantajádas mallas, no corredor ; e alli nos deixámos ficar, até que a promessa cathe-

gorica de nos levárem directamente para casa, restituiu ás nossas pernas o perdido movimento.

— Outra vez foi em Bemfica, na casa de Barjona de Freitas, onde o grande escriptor esteve installádo durante algum tempo.

Sentindo-se peor da vista e com os nervos mais irritados, palpitou-lhe que D. Anna Placido tinha tirado as cargas do *revolver* para elle se não matar n'aquelle dia, e resolveu «experimentar!»

Todos os protestos foram inuteis, e não houve rogos que lográssem demovêl-o do seu negregado intuito.

Apontou á parêde, e deu ao gatilho.

A arma não disparou!

Descrever o temporal de imprecações e gritos que o facto desencadeou, é-me impossivel.

De resto eu só tive d'elle muito imperfeito conhecimento: — inda bem a temivel pistola não tinha surgido do montão de *couvre-pieds* e sobrepóstos casácos com que o friorento escriptor se envolvia sempre, e já o muro da estrada de Bemfica, a considerável distancia, amparáva no seu escalavrádo rebôco os nossos animos desfallecidos...

Quando passado algum tempo a nóssa mãe nos demoveu a *arriscar a vida* voltando para a salla, encontrámos tudo calmo e «como se nada se tivesse passado;» e *O Camillo*,

com a sua palla de sêda prêta sobre os olhos, os capotes em ordem sobre os hombros e as mantas acamadas sobre os joelhos, conversava despreocupadamente, fazendo rir com os seus ditos o grupo de admiradôres que o cercava.

Em Carnaxide, mais tarde, houve outro «ensaio».

Não tinham fim as nossas provações !. . .

*

* *

Uma qualidade do celebre romancista que aos nossos tenros annos tambem não agradáva, talvez pelo contraste que fazia com a maneira de ser do nosso Pae, era a sua implacavel mordacidade, — o seu perenne sarcasmo.

Aquella scintillante ironia que tantas fulgurações engasta nos relêvos da sua prosa, affiguráva-se-nos desconsoladôra e corrosiva, quando applicáda a certos casos da vida real.

No dia dos seus annos, em Março de 89, a academia de Lisbôa organisou uma manifestação de homenágem, que teve repercussão em todo o paiz.

Os estudantes fôram em cortejo levar-lhe uma grande corôa de louros, com bagas douradas e enorme laço de sêda, corôa que lhe entregáram entre ovações e vivas, muitos discursos e muito enthusiasmo.

A nós, festa e corôa, deslumbráram-nos !

Calcula pois qual não seria a nossa decepção, na noite d'esse dia, quando lhe ouvimos dizer para D. Anna Placido, em ar de mofa, e no manifesto empenho de ser ouvido por todos os chamados *intimos* que se achávam presentes :

«Mande levar isso lá para a despensa, — crédo», (e apontava a corôa) ; — «isto é que se chama dar a um sujeito tempêro por atacádo ! . . .»

Todos se riram muito. Tu e eu, sentimos uma vaga desconsolação. . .

As creanças não gostam da ironia.

Deus sabe porem se hoje em dia uma das qualidades pelas quaes mais admirâmos o auctor das *Folhas cahidas e apanhadas na Lama*, não é justamente aquella que no tempo de que te fállo, nos desagradava !

*

* *

Um pormenor que me parece ignorado pelos biographos de Camillo, é a estada d'elle em Carnaxide, entre Dezembro de 1887 e Janeiro ou Fevereiro de 1888, salvo êrro.

Elle era realmente amigo do nosso Pae.

Aquelle feixe de nervos doentes, ao qual o genio arrancáva

tantas scintillações incomparáveis, — naturêza extravagante e desiquilibrada que em tantas occasiões a doença impulsionou desordenadamente, gostáva de appoiar-se no braço forte e amigo do auctor do *Dom Jayme*, e comprazia-se no trato sempre amêno e amavel, que era um dos seus melhores apanagios.

D'ahi, a procura constante da sua companhia e do seu auxilio, de que estas cartas dão prova; — d'ahi o plano d'uma estada na Feitoria, a que as cartas se reférem, e a realisação d'uma estada em Carnaxide, facto de que eu me recordo vagamente, e de que tu não pódes, creio, lembrar-te.

Um nósso illustre amigo, que não me auctorisou a nomeal-o, disse-me uma vez, em conversa, que a alturas tantas da sua affectuosa convivencia com o auctor do *Amor de Perdição*, se vira obrigado a desistir d'essa convivencia, por não podêrem mais os seus nervos hypersensiveis, aguentar o perenne fluxo e refluxo de exigencias contradictorias, com que Camillo punha a tratos a paciencia de quem com elle convivia.

A muitas pessôas de bôa vontade aconteceu o mêsmo.

Thomaz Ribeiro, mantêve-se até á ultima, e a sua constancia nunca fraquejou.

Não sei como nem quando se conhecêram.

As minhas reminiscencias *camillianas* esfumam-se entre

as nevoas do alvorecer da vida, e já morrêram todos os que poderiam dizer-nos como o facto se deu.

Presumo que foi em S. Miguel de Seide, no anno de 1866, quando Castilho lá foi com Vieira de Castro, vizitar o grande romancista. [1]

Nunca lêste a referencia que Camillo faz a éssa vizita, n'uma divagação do conto *Aquella Casa Triste*, que veiu publicado na Revista *Artes e Lettras?*

. . . . . .

«Sou um homem feliz e digno de inveja. Tenho saboreado os innocentes deleites que prodigalisam ao seu auditorio as quatro bandas musicaes de Landim, Fafião, Ruivães e Guinfões. Quando algum amigo vae alegrar o êrmo de São Miguel de Seide, chamo logo a musica mais delicada, — a de Ruivães, principalmente se o amigo é de Lisbôa e frequentador de São Carlos.

O sr. Visconde de Castilho e seu filho Eugenio são chamados a depôr n'este processo de immortalidade que vou instaurando ao figle e á requinta, principalmente á requinta de Ruivães.

---

[1] Foi com effeito em Julho de 1866. Documentos cuja cópia me foi amavelmente offerecida, permittiram-me averiguál-o, quando o meu arrazoádo já estava prompto a entrar na machina.

Não vi o sr. Visconde chorar de prazer, mas observei Sua Ex.ª estava commovido quando a requinta assobiava uns guinchos estridentes da Maria Caxuxa.

Thomaz Ribeiro, o poeta eminente, recolhia-se ás vêzes, não ao seu quarto a calafetar os ouvidos, mas ao intimo da sua alma a fazer viveiro de inspirações.

Eugenio de Castilho, o poeta das phantasias louras, quer a musica de Ruivães lhe amolentasse a sensibilidade, quer os rouxinoes das ramarias lhe dessem invejas dos seus amores, fôsse o que fôsse, foi assaltado e vencido d'uma paixão...

.....

.....

A musica de Landim, era formosa por seis cornetas de chaves que executavam valsas e peças theatraes de modo que se Ducis ouvisse, diria que a opera lyrica balbuciára os seus primordios entre as florestas druidicas.

A banda de Fafião competia com a de Guinfões na sustancia das trompas e troáda das caixas.

A de Ruivães avantajava-se ás tres rivaes na delicadêza das módas e sentimentalismo com que as charamellas respirávam o sôpro d'aquelles musicos, cujas bochêchas pareciam estar cheias de alma e castanhas assadas...»

.....

Emfim . . . o romancista e o poeta conhecêram-se ; fôram grandes amigos, e, um bello dia, Camillo Castello Branco, para estar proximo do nosso Pae, resolveu passar uns tempos em Carnaxide, onde parou mez e meio, e de onde acabou por fugir, uma manhã, n'um accesso da sua terrivel neurasthenia.

Em Carnaxide habitou a casa que amavelmente lhe cedeu Antonio Zacharias Marceano Alcantara, honrado industrial de cortumes, casa que ainda hoje existe, transformada, no terreiro da Egreja, mêsmo no coração da aldeia.

Alli se tratou durante algum tempo com o Dr. Antonio Bossa, que então iniciava a sua carreira médica, dedicando-se com afinco e exito a experiencias de hypnotismo.

Alli o viu tambem o nosso bom e querido amigo Dr. José Joaquim d'Almeida, de Oeiras, o fundador do primeiro Sanatório Maritimo em Portugal para creanças, e iniciador do movimento anti-tuberculoso que tão desvelada, e util, e inolvidavel protecção encontrou em Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia.

Foi elle, até ao fim da sua vida abençoada, o digno Presidente da Commissão Executiva da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, e creio que só Deus e elle soubéram as angustias e as saudades com que tudo alli recorda os aureos tempos passádos.

Camillo refére-se algumas vêzes nas cartas, ao Dr. Bossa

e ao Dr. Almeida, que o vizitou tambem uma vez em Seide. como verás.

Em Carnaxide, vizitáram Camillo, — Oliveira Martins, Barjona, Bulhão Pato, Anthero de Quental e Antonio Candido, e alli foram tambem, se a memória me não atraiçoa, Souza Martins e Manuel Bento de Souza, Thomaz de Carvalho, May Figueira, e o Dr. Ferrer Farol.

Supponho que Francisco e Fernando Palha, que ao tempo viviam no Dáfundo, lá iriam tambem; e, uma vez por outra, apparecia o original Visconde de Moreira de Rey.

Era sempre muito selecta a sociedade, na salla do sr. Alcantara, e muito brilhante a conversa, á qual D. Anna Placido, alem da sua lhâna e carinhósa hospitalidáde, bem portuguêza, dava a collaboração do seu incontestavel talento, e da sua illustração pouco vulgar.

Nós duas, minha adorada, é que á força de não podermos apreciar todas aquellas galas intellectuaes, continuávamos a adormecer pelos cantos, emquanto as creádas não vinham para nos levar.

Nascêmos muito tarde!

Fomos creanças, que o mêsmo é dizer inconscientes, emquanto na sociedade portuguêza brilháram muitas figuras de que hoje, — salvo ráras excepções, — procurariamos em vão os equivalentes.

. . . . . .

Uma bella manhã, as creadas, açodadas, vieram entregar ao nosso Pae este bilhete:

Meu Thomaz:

Estou a cegar. Perdido!
Vou fugir daqui, para me não matar debaixo dos teus olhos, e do teu amor.

Teu
Camillo.

Corrêmos todos anciosos a casa de Antonio Zacharias.

Camillo tinha abalado, ao romper do sol, com D. Anna Placido, n'uma carruágem. Carnaxide nunca mais poude orgulhar-se de abrigar no seu seio um hospede tão célebre...

*

* *

Estas cartas foram escriptas entre 1873 e 1890, como verás, nos intervallos das frequentes idas e vindas do escriptor ao Porto e a Lisboa, em dolorosa deambulação atraz da luz, que lhe fugia.

Tendo o nosso Pae morrido em 1901, só agora me foi possivel arranjar e classificar os seus papeis.

Encontrei entre elles estas preciosas cartas, n'uma epocha em que o nome de Camillo tão especialmente fascina os chamados intellectuaes e os não intellectuaes da nossa terra, e não me julguei no direito de as aferrolhar egoistamente. Resolvi publicál-as.

Em teu nome e no meu, e amavelmente auctorisáda pela familia do grande escriptor, offerêço-as como subsidio aos investigadores da sua vida, e como acepipe aos apreciadôres do seu inconfundivel estylo.

Ellas proprias dirão de sua justiça. Creio que não esclarécem nem complicam nenhum problêma, o que constitue uma grande originalidade, n'um tempo em que os esclarecimentos complicam todos os problêmas, e as complicações tornam problematicos todos os esclarecimentos.

São muito interessantes, isso sim.

Da penna do auctor da *Lucta de Gigantes* sahiam sempre chispas, mêsmo quando elle despreoccupadamente a manejava, a conversar com amigos.

Vão publicadas por ordem chronologica, quando teem data.

As que a não teem, nem possuem qualquer referencia ou indicação que permitta intercalál-as entre éssas, reuni-as a seguir.

*

* *

A personalidade de Camillo cada vez occupa mais a curiosidade publica e a imprensa periodica.

Se todos os que o trazem ao tabládo lhe prestam sempre um grande serviço, e se o leitor d'hoje que conhêça pouco a obra do homem de lettras, e só conhêça a poeira que se tem levantado em volta do seu nome, pode, atravez os commentarios, fazer ideia do que elle era como cinzelador da prosa e como interprete admiravel da graça portuguêza, não me compete a mim averiguál-o. — Dêvo suppor que sim, fazendo justiça a todas as intenções.

O que não soffre duvida, é que, quando elle falla por si, a sua causa prescinde de elementos alheios para triumphar.

*

* *

Já fica muito longe, escondido entre as brumas da saudade, o tempo em que *O Camillo* nos apavoráva.

Com o passar dos annos as nossas faculdades foram-se esclarecendo, a imagem do *revolver* dissipou-se, e Camillo

Castello Branco foi surgindo e crescendo a nossos olhos, até abranger a plenitude da nossa admiração.

Não sei se somos muito amigas da sua lembrança...

A amizade implica uma ternura confiante, que o seu modo do ser, um pouco áspero, nos não consentiria talvez.

Camillo pintava admiravelmente a paixão. Não sei se logrou sempre, nas meias tintas, fazer sentir o enternecimento.

Em todo o caso se o sentimento do nosso coração é difficil de definir claramente, não ha duvida de que o nosso espirito se deslumbra ante a arte magnifica do escriptor, e se ufana de o proclamar.

Como mulhéres, devemos ser-lhe gratas. — Se, para o forte claro-escuro dos seus entrêchos, lhe foi preciso apoucar alguns caracteres femininos, a verdáde é que elle nunca deprimiu a mulher, antes, em toda a sua obra, poetisando-a atravez do amor e do sacrificio, procurou sempre dignificál-a e elevál-a.

*

* *

Quando algum acontecimento me surprehende pela sua inverosimilhança, ou alguma individualidade me espanta

pela sua insensatez, é para Camillo que a minha invocação se volta irresistivelmente.

E tem o destino determinado que com extraordinaria frequencia eu renóve o meu preito de homenagem, interrogando a sua grande Sombra:

— «Porque deixa passar tantos pygmeus, sem brandir o latego fulgurante da sua critica?...»

— «Porquê, ante tantos assumptos que a sollicitam, permanece inerte a sua penna incomparavel?...»

«Porque não vem commentar *isto*, Senhor Camillo Castello Branco???...»

.....

Perdôa se me alonguei.

Abraço-te com todo o affecto com que sou a

Tua irmã muito amiga

Lisbôa, 1921.

Branca de Gonta Colaço.

CARTAS

CARTAS

I

MEU THOMAZ.

Peço-te com instancia a favor do homem por quem te pede o outro teu am.°. Esse Caldas é filho de um poeta da escolta de Bocage. Não o conheço, mas tenho boas informaçoens d'elle. Se poderes, colloca-o; se não poderes, lamenta-o, e abraça o teu

am.° grato

P. S. — Affectos de todos os meus.

Camillo C. Br.°

Porto, 6 de Abril
1873

II

MEU CARO THOMAZ RIBEIRO.

Tomára eu ca os outros volumes das tuas *Jornadas*. Anceio o que hade ser todo da India, porque os realces originaes hão de avantajal-o aos que fallarem da tão viajada e decrepita Europa. A simplicid.ᵉ do teu estylo dá meritos a este livro, que o tornam estimabilissimo. Sem questão, tu és poeta de primeira ordem, e prosador de segunda. Em quanto

a musa te apojar borbotoens, torrentes de inspiração, não desças á prosa ignobil. Cede-a aos aleijadinhos do metro. Flores, flores, meu caro Thomaz Ribeiro, Não ha quem atire mais jardins do que tu para cima destas charnecas.

Abraça-te o teu velho e paralytico am.°

C. Castello Branco.

Porto 1 de Dzbr.° de 1873.

III

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Crês tu que eu, diante da tua crytica de amigo e de superior intelligencia, não resvalaria ao abysmo dos tolos, pedindo uma dessas coisas q̃ tem sido dadas a gente que vale tanto como eu? Olha, meu filho, eu devo contar-te tudo. Qd.° o bispo de Vizeu era rei, e me auctorisou a pedir-lhe uma mercê, pedi-lhe q̃ me fizesse visconde em duas vidas, para que o meu Jorge fôsse a desculpa do desvario do pai. Volvidos dias, disse-me o bispo: «el-rei não lhe dá o titulo q̃ v. pretende, por q̃ você não é casado, e *diz* que v. vive em mancebia». Não redargui a isto, porque respeitei as vestes prelaticias e a purpura monarchica.

Foi ao poder o nosso Sampayo. Pedi ao Castilho que solicitasse do Sampayo a mercê modificada só em mim, na hypothese q̃ mais tarde a alcançaria p.ª o pequeno. Sampayo respondeu o que quer q̃ fosse ao visconde de Castilho, que significava uma negativa; porém, eu não percebi se o rei fôra consultado, se o ministro receava consultal-o. Franqueza rasgada, meu caro Thomaz: fiquei envergonhado deante de mim mesmo: a peor das vergonhas.

Nota, meu am.°, que de Hespanha recebi duas commendas, que não uso; o imperador visitou-me (perdôa o desvanecimt.° que é obrigatorio nesta confidencia) e enviou-me a

commenda da Rosa, q̃ tambem não uso. Vexa-me não poder dizer que esta terra, onde escrevo ha 30 annos, sem a envergonhar, nada me deu, nem das mercês que se compram, nem dos talheres do orçamt.º que se pagam. Não achas isto, de uma tristeza quase elegiaca?

Queres tu dar aos meus filhos a porvindoura consolação de poderem dizer que seu pai quinhoou das mercês que se liberalisaram aos bacalhoeiros ricos? Sê padrinho meu e d'elles. Não te peço que falles, que peças o viscondado; pede menos do q̃ isso, menos ainda que o emparelharem-me com M.el Roussado ou Ricardo Guim.es. Nem seq.r barão, visto que eu os cantei no jantar q̃ tu sabes melhor do que eu. Olha, filho, nivella-me comtigo, que eu, se se rirem de mim, conforto-me ca p.r dentro dizendo á m.a democracia que tambem tu és conselheiro. Arranja-me isto, que p.a tanto ainda chegam os meus recursos; e, se as qualid.es pessoaes o não merecerem, exaggera-as, encarece-as tu com o teu amor, com a tua eloquencia. Porém, se nem isso bastar, não te afflijas: dá-me sempre a condecoração da tua amisade e ama o teu

Porto, Bom Jardim 860,
16 de Dzb°. de 1873

Camillo Castello Br.co

IV

MEU TH.

Sabes se o nosso Ministro vae ao Paço? — E' dia de ElRei dar despacho.

O que tenho p.a mandar está prompto. Mas o Min.º nada me mandou dizer.

26/3/74

Teu do *C. B.*

V

TH.

Ahi tens o que veiu de caza do Min.º.
Attenta que parte está assignado por ElRei, parte não.
Nada referendado.

Teu do

C. B.

VI

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

O barão de Paçô Vieira escreve-me d'ahi contentissimo com a transferencia. Eu, que te pedi por elle, considero-me tambem transferido de Silves, e te abraço com o reconhecimento de homem q̃ detesta o figo e a alfarroba.

Se tu conseguisses, meu filho, transferir o meu reumathismo para as articulaçoens tibio-tarsicas dos pretendentes que te perseguem, farias duas esmolas, uma a ti, e outra ao teu decrepito am.º

Camillo.

Porto, 13 de Dzbrº de 1874.

VII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Estive em Lx.ª 48 pessimas horas. Não pude ir ver te. A m.ª infermid.e prostra-me, innegrece-me a alma. Nem a vista de amigos e homens como tu m'a alumiam. Fugi. Deitei-me;

abri o teu livro, o 2.º das Viagens, e pude esquecer-me de mim. Eu t'o agradeço p.r q̃ é bellissimo, está cheio de novid.es e leva n'isso grande vantagem ao 1.º e m.s ainda t'o agradeço por que me absorveu 10 horas, disputando-m'as aos meus *Blue-devils*.

Teu do c.

Camillo

VIII

MEU PRESADISSIMO AMIGO.

Estive ahi 4 dias; reservava-me para te procurar; mas metteram-se dois dias sanctificados: seria inutil procurar-te na secretaria. Sei q̃ tens casa extra-official; mas não a conheço. Depois de te abraçar, perguntar-te-hia se aquella minha proposta á cerca de um livro respeitante ao prior do Crato, e então aceite pelo governo (por 600$000 reis) mediante a tua recommendação, estará ainda na memoria dos referidos poderes publicos. No caso affirmativo, continual-a-hei, para a ultimar em março; se, todavia, o genero litterario baixar na proporção do industrial, levantarei mão d'isto, e carregal-a-hei nas costumadas futilidades. Quando te sobrar tempo, responde ao teu

Velho amigo

Coimbra
26 de Jan.º 1876

C. Castello Branco

IX

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Obrigado. Vou continuar com zelo e vontade o *D. Antonio*. Talvez esteja prompto no fim d'abril, porq̃ tenho de escrever umas intermissoens romanticas das quaes depende o fogo sa-

grado... da cosinha. Não me deplores. Lembra-te que sou portuguez

D'antes scismar que comer.

Corrija-se o Sa de Miranda.

Abraço-te. Mandas-me o 2.º das *Viagens* ou queres que eu o compre ?

Teu do c.

Camillo CBr.º

Porto, 21 de J.º de 1875.

P. S. — Lembra-me agora dizer-te que não será talvez publicado o *D. Ant.º* por que desconfio que me evolo ás regioens altas como os efluvios dos pantanos. Estou doentissimo. Ha dez noutes que não durmo, e ha vinte dias que me alimento com café. Tenho 48 annos, 100 volumes escriptos, mt.as cans na alma, mt.º trago de injustiça devorado em silencio, e... adeus!

X

MEU CARO THOMAZ RIB.

Caminho de Lx.a adoeci e retrogradei. Ia eu repetir-te o pedido de D. Anna Placido a favor do p.e M.el Corr.a de Sampaio p.a a igreja de S.ta Maria de Arnoso.

Consegui que o Miguel Maximo o protegesse como verás da carta inclusa. Agora te rogamos que falles de novo ao Director geral, e não desampares este negocio. Não posso mais, meu querido am.º

Teu do c.

Porto
27 de Maio
76

Camillo C. B.º

XI

Seide 22
Julho
1876

MEU PRESADO THOMAZ RIB.º

Lembra-te do p.e M.el Corr.a de Sampayo, concorrente á egreja de St.a M.a de Arnoso, no arceb. de Braga.

Ha 2 meses te enviei o beneplacito de Miguel Maximo, o loquaz.

Se me enganou, Deus lhe perdõe, mas eu não sei se deixarei de levantar-lhe um dos alçapões q̃ conduzem ás immortalid.es baixas.

Já que não posso fiar-me n'elle, volto para ti toda a m.a confiança. Anna Placido não te escreve por q̃ eu lhe digo que não te rale. A mim mandas-me bugiar; e a ella sempre tens de lhe escrever a dizer-lhe q̃ a não mandas bugiar. Ama-te o velho am.º

Camillo.

XII

MEU QUERIDO THOMAZ

Foi um typho: não me matou de chofre; mas dissolve-me. Considero-me no primeiro periodo de uma cachexia. E eu digo como o apostolo: «Cupio dissolvi».

Antes de morrer, preciso dizer-te uma coisa. Eu tinha um cunhado medico q̃ morreu ha cinco annos. Antes de acabar, escreveu-me pedindo-me que protegesse meus sobrinhos.

São uns rapazes intelligentes: um é um Azevedo Cast.º Br.º, 1.º official do governo civil de V.a Real; o outro é estudante premiado em medicina na Universid.e. Havia uma me-

nina q̃ em vida de meu pae casou com um rapaz honesto, intelligente e pobre chamado Ant.º José Barbosa Resende. Apresentou-se-me este homem com a recommendação do sogro moribundo. Eu disse-lhe que se habilitasse para concorrer aos logares de escrivão. Assim o fez. A relação, ou q.m q.r q̃ seja, collocou-o entre os primeiros. Isto foi ha um anno. Quiz pedir-te p.r elle; mas tive pejo, porq̃ te tinha importunado pelo padre Corr.a. Hoje tenho escrupulo de morrer sem fazer alg.a diligencia p.a melhorar a sorte de m.a sobrinha. Recorro a ti. O Snr. Conselheiro Mexia em tempo fez-me a honra da sua estima. Se S. Ex.a ainda me conhecer, devolvidos tantos annos, ajunta o meu nome aos teus esforços. Está vago um logar em Famalicão. Se não poder ser p.a aqui seja para onde possa ser.

Não posso mais

Abraça-te o teu velho e grato am.º

10 de M.ço
1877

Camillo Cast.º B.co

XIII

MEU PRESADO AMIGO.

Tinha-me pedido o Alves Matheus q̃ movesse o Fr.co Corr.a de S. Payo a trabalhar a favor de uma camara m.al de Fam.am Ora eu não sabia se a camara era regeneradora, se q̃ diabo era. Pedi ao S. Payo, e como o encontrasse já empenhado no sentido q̃ dizias, disse-lhe que fizesse o q̃ quizesse. Ora o q̃ elle quer é ir p.a onde tu o mandares, e vai.

Ha mez e meio que vivo á espera da morte. Expirou-me nos braços M.el Placido f.º de D. Anna. Tinha 19 annos. Era aquella eleg.te creança que montava um cavallo ao lado da sege em q̃ tu vinhas com o Castilho. Eu estou cego de chorar; D. Anna encaneceu, e agora m.mo a estou ouvindo chorar.

Esta casa é uma tristeza sem nome nem esperança de alegria. Olho insensivelmt.e p.a os filhos, e não faço senão chamar o outro que nunca mais virá beijar-me a face, como fez 10 horas antes de morrer de uma meningite que o arrebatou em trez dias na Povoa. Sahiu de um baile onde tinha a m.er com q.m ia casar. Teve um calafrio, e trez dias depois, morto! Eu peço a Deus que me tire esta paixão, ou me leve pela infinita misericordia que deve a tão gr.de desgraçado.

Ads. meu querido Thomaz Rib.o

Creio que não nos veremos mais.

Teu do c.

C. C. Br.o

XIV

MEU QUERIDO T. RIBEIRO.

Obrigados ambos pela tua carta.

Já quiz levar d'aqui Anna Placido p.a Lx.a Chegou ao Porto, e obrigou-me a retroceder. Que fariamos ahi n'um quarto de hotel, sós, em face um do outro, a fallar do nosso Manoel? Aqui, ao menos, ella pode chorar alto, e gastar a dor, se ella se gasta, pela sua m.ma violencia. *Crença!* dizes tu. Isso q̃ é? Nem se quer creio no destino que traça a espiral do inferno dos grandes desgraçados. Posso apenas revoltar-me contra o Acaso; mas q̃ é isso tambem? Abraça-te o teu

C. Cast. Br.o

XV

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Ha dois annos, pouco mais ou menos, me disse em Lisboa Custodio José Vieira que lhe haviam dito estares tu maguado

d'um epigrama que eu te desfechára quando foste chamado ao ministerio. Resposta m.ª «Ha seis mezes que estou na aldeia. Ainda q̃ eu quizesse fazer ou fizesse epigramas contra Thomaz Ribeiro não sei que auditorio m'os ouvisse ou para qual auditorio os fizesse. Esperarei que T. R. deixe de ser ministro, e depois lhe direi que não tenho trez amigos como elle, e que esses poucos poupal-os-hei a injurias, tendo tantos inimigos a q.m as aponte sem desaire nem escrupulos.» Mais nada. Depois, como teimaste em ser ministro eu sobrestive no meu proposito de silencio; mas o meu profundo affecto ao teu coração e ao teu talento nada tinha que ver com o capricho um pouco romano de não escrever ao ingrato que ainda me não nomeou almirante nem sequer guarda-marinha.

Agora cá te tenho nos braços em Seide, e todos nós, velhos e rapazes, festejamos a carta do nosso Thomaz Rib.º de 1866.

Quando te aborreceres de ser ministro vem aqui rusticar um dia. Achas homens o Nuno e o Jorge. O primeiro *faia;* o segundo *mystico.* Eu, mt.º velho; D. Anna, mt.º mudada, triste, e outra desde q̃ lhe morreu o Manoel. Mas, se aqui vieres, alegra-se provisoriamt.e esta caza.

Apezar de mt.º doente, leio sempre, e escrevo pouco. O «Cancioneiro» é um debique; se os caricaturistas de Baudelaire me ladrarem, pode ser isso a m.ª saude moral. Eu, sem vaid.e nem arrogancia, desejo a lucta, e não me envaideço do triumpho. Elles são uns asnos, d'uma ignorancia pre-historica, cyclopica, tudo q̃ é tenebrosamt.e grande.

Adeus. D. Anna diz-te mt.as coisas affectuosas, e eu sou o teu

T. C.
7/5/79

Camillo C. Branco.

XVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Estive 24 horas indignado com a idea de que estavas gravemente doente. Parecia-me isto uma horrenda crueldade que, se eu tivesse uma grande fé, me tolheria a confiança na oração, apesar dos grandes milagres justificados pelos *Te-Deum* recentes. Abraço-te mt.º mt.º alegre. Temos nesta casa o *Te-Deum* da alegria.

20/5/79.

Teu *Camillo.*

XVII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Ja ca tenho dez folhas dos teus sanctos e formosos versos. Fazem-me uma grande tristeza. Parece-me que tenho a cabeça de fora da campa para ouvir eccos de uma existencia extincta. A m.ª massa encephalica está passando p.r esquisitas hallucinaçoens. Q.m me dera ver-te! Ja não posso ir a Lisboa como ia d'antes alegremt.e Se o ministro da justiça te consultar a respt.e de despachar Ant.º José Barbosa Resende p.ª escrivão de direito sê propicio a este rapaz q̃ fez p.ª isso exame ha 3 annos, e p.r falta de patrono não foi despachado.

Elle é cazado com uma m.ª sobr.ª irman do Ant.º d'Azevedo Cast.º B.º eleito deputado regenerador p.r V.ª Real. Diz-me este meu sobr.º que tarde poderá pedir na sua posição hostil e inflexivel ao governo. Tambem o creio assim.

Faze o que poderes.

Teu do c.

C. Cast.º Brancó.

T. C.
6/11/79

XVIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

O apresentante destas linhas é o Sr. José Augusto Vieira medico militar e escriptor distincto. Se ja leste as *Phototi-pias do Minho* (e só te desculpo se as não leste, a pedido da Patria, que, a espaços, te arreda das lettras amenas) não me leves a mal a recommendação. Peço-te, meu incansavel amigo, que o protejas na pretenção que elle te exporá com o laconismo com que costuma escrever. De modo que te abro ensejo a apertares a mão de um bom camarada nesta mili-cia das lettras em que já tão raras vezes nos encontramos. Abraça-te o teu

C. Castello Br.co

XIX

Seiðe
25/5/81

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Aquella creancinha de 1866 caza um destes dias. Talvez lesses nas gazetas o processo um pouco irregular deste ma-trimonio. O Nuno é feliz, ao q̃ parece. Rapariga de 16 annos, não feia e doze contos de renda. Ambos mt.º ignorantes. Olha que grande felicid.e ó Thomaz Rib.º!

Abraça-te o am.º velho

C. Cast.º Br.co

XX

MEU THOMAZ RIB.º

30/5/81.

Sabes com que alegria és festejado em Seide. Os rapazes cazam 5.ª fr.ª Não podes assistir porque o facto sacramental é mt.º cedo — a menos q̃ não venhas de vespera. Se vieres no 1.º comboyo de 5.ª encontras na estação do Pinh.º m.ª filha Amelia, o marido Carvalho, e a m.ª neta Camilla. Se vires o grupo, conheces e tens companhia. Na estação de V.ª Nova espera-vos um trem até á Portella. Lembras-te?

Adeus, meu querido am.º

Responde alguma cousa. Teu *C. C. Br.º*

XXI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Quando eu ahi te esperava em caza de m.ª filha, foi ella procurada por uma senhora da sua amisade, que lhe pediu a m.ª coadjuvação a fim de que tu chamasses para fazer serviço na corveta Sagres, um seu irmão, tenente da Armada, A. Gonçalves Pinto Junior que está em serviço em Faro. A Amelia disse-me que, se me não custava, q̃ te pedisse, e eu digo-te que, se podes, faças a vontade a todos 4. O pai deste tenente é o official superior de marinha Gonçalves que talvez conheças ahi no Porto.

Anna Placido está pouco melhor. Adiamos a tua vinda e não prescindimos dessa fineza. Champalimaud escreveu-me promettendo vir comtigo.

Tomo banhos de caldas artificiaes contra as nevralgias e leio *de Senectute* de Cicero.

Achei hontem entre a papelada pueril de m.ª nora traslados do *D. Jayme*. Mas o mais curioso é não saber ella que Th. Rib.º — o Thomaz Rib.º que ella conheceu no Bom Jesus — é o auctor do D. Jaime. Imaginava-te talvez um joven louro de melenas, luneta n'um olho e badine. Que decepção para ti, meu am.º!

Seiðe, 3/7/81 Teu *Camillo.*

XXII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

O snr. Manoel Correia de Lacerda portador destas linhas leva-te com ellas um instante pedido á tua generosidade para que cooperes com o teu patrocinio para que elle seja nomeado escripturario do escr.am de fazenda em V.ª Nova de Gaya; e, qd.º não seja possivel por ir extemporaneo o pedido, deseja ser elle um dos amanuenses do caminho de ferro, logares creados ha pouco e ainda não providos. Este rapaz é irmão do adoravel poeta Narciso de Lacerda. Elle não faz versos — o que deixa entrever um optimo empregado bureaucratico. Sinto bem não t'o appresentar com esse aleijão por que sei q.to tu te disvelas em dar a mão aos que a tem bem provada na Lyra. Este empenho, meu caro T. Ribeiro, não é banal nem de mera condescendencia.

Peço-te pois com o maior encarecimt.º que te consideres obrigado pela tua velha estima a livrar o snr. Lacerda das garras do commercio onde elle se sente agonisar na flor dos annos.

Minha filha communicou-me as difficuld.cs que tens em

chamar o Gonçalves para a Corveta. O Chardron ficou de te fallar sobre o prefacio da reedição que vai fazer do teu livro.

Abraça-te o teu velho am.º

m.to grato

T. C.
24-7-81

C. Castello B.co

XXIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Este pedido não é banal. Peço-te que escrevas ao Hintze sobre a pretenção relativa aos docum.tos juntos. O pretendente é primo da mulher de meu filho Nuno. Se valho comtigo alguma cousa, pede com instancia sim? Estou na Foz e retiro 2.ª feira.

Teu

Camillo C. Br.º

XXIV

MEU CARO THOMAZ RIB.ro

Ainda agora te envio a carta do Lopo Vaz. Um dos trez logares que pedias p.ª o meu afilhado — ou todos trez foram dados a outros pretendentes. Tive pena do primo da Maria Isabel, porq̃. lendo a carta, julgou-se despachado. O ministro quando voltar de Cauterets ja não se lembrará do q̃ promettera, e terá razão. Deus lhe dê saude, e a ti e a mim, e graça, ou pelo menos chalaça p.ª o servirmos. Tenho soffrido m.to da vista. Desculpa as importunaçoens do teu m.to am.º

T. C.
5/9/81

C. Castello Br.º

XXV

MEU PRESADO AMIGO.

Vi-te de relance na estação do Pinheiro quando vinha com a m.ª fam.ª para a Foz. Não pude abraçar-te por que era tarde para me demorar. Logo q̃ o tempo se humanise, irei ver-te, abraçar-te e pedir-te desculpa de mt.as faltas involuntarias. Affectos de toda esta fam.ª

Teu do c.

Hotel
Mary Castro
22/10/81

C. Cast. Br.co

XXVI

MEU FILHO.

Ahi tens o memorial do primo da Maria Isabel, mulher do Nuno. Faze o q̃ poderes. Não te roubo tempo. Abraço-te

Teu do c.

T. C.
1 de Dz.º 81

C. Castello Br.co

XXVII

MEU AMIGO.

Quando leste o *Cancioneiro alegre* decerto te riste dos commentarios ao *poema socialista* do D.r Donnas Botto. Eu cuidei então q̃ elle tivesse morrido.

Está vivo o D.r em medicina e bacharel em direito Luiz Maria de Carvalho Savedra, de Ervedosa do Douro. Elle

diz-me que te escrevêra quando eras governador civil do Porto. Este homem não fez vida como medico nem como jurisconsulto em qt.° têve umas vinhas. Hoje não tem nada — tem uma livraria e fome. Dá-lhe alguma cousa, por alma dos homens de lettras que morreram na mizeria. Conheci-o em Coimbra em 1846. Nós, os caloiros, respeitavamos o seu aprumo de sabio, o luxo do seu trajar e a soberania classica e preponderante dos seus oculos de ouro. Pobre velho! mal diria eu que elle me havia de dizer, a mim, quase tão pobre como elle — «não tenho pão»!

Vou sahir do paiz em quanto tu fores ministro d'elle. Cuidam que eu sou um canudo transmissor das sympathias, entre ti e os pretendentes. Ja não posso. Deus te ponha d'ahi para fora ou me leve deste mundo.

Teu do c.

T. C.
30/12/81

C. Castello B.co

XXVIII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Não fui abraçar-te ao Porto porque o meu pobre Jorge fallava mt.° em suicidio, e eu, para o deslocar deste meio das suas visualid.es, fui para Vianna e levei-o comigo e mais a lamentavel mãe. Voltou melhor: não falla em morrer, mas está sempre a defender esta these: «que a morte é o unico ceo admissivel para os homens infelises.» Com este materialismo é mt.° de recear o desfecho que temo.

Tem saude e alegria como t'as deseja o teu velho

C. Cast. Br.°

Seiðe/18/8/82

XXIX

MEU PREZADO THOMAZ RIB.º

Demorei a resposta do Donas Bôto p.r que so agora a recebi, por causa da errada direcção q̃ dei á pergunta. Se tiveres vagar, lê o ultimo periodo da carta d'elle, ao qual não posso responder sem tua auctorisação e sem os teus esclarecimentos.

Lembra-te do teu velho am.º

C. Cast.º Br.co

25/1/83

XXX

MEU AM.º

Luis Maria de Carvalho Saavedra Donnas Bôto é doutor em medicina, bacharel em direito, sabe linguas vivas e mortas, faz máus versos e prosas rasoaveis. Prevendo que tu me perguntarias o q̃ elle queria, respondeu-me com uma grande carta de q̃ te envio um fragmt.º pois que estou m.to doente e não posso escrever

A D.s meu caro am.º

Teu do c.

C. C. B.co

XXXI

MEU QUERIDO AMIGO.

Não tenho a minima razão de me queixar da desconsideração do Sr. D. Luiz, se elle ignora que Mag.es Cout.º ficou com os livros que eram destinados a el-rei. Tambem tu

não tens razão para censurar que o Biester ha 18 annos me dissesse que os livros estavam em casa do M. Cout.°, por q̃ s. m. os regeitára, salvo se o Biester mentiu; mas tanto não mentiu que os livros nunca chegaram ao conhecim.^to do Sr. D. Luiz. Seria necessario que o Biester fosse um aulico da intimid.^e d'el-rei p.^a lhe ser desairoso revelar o q̃ la ia no paço. Venho com isto para me justificar de citar o nome do Biester de modo que a sua memoria te pôs no espirito uma impressão desagradavel. Eu cuidei que não lhe deslusia o bom caracter. Como não posso rasgar uma carta do meu querido T. Ribeiro, devolvo-t'a.

Escrevi antes de hontem enviando-te o requerim.^to do D. Boto. Estou á espera de que venha um dia regular, a ver se me transporto p.^a uma casa de saude, não para me curar, mas para morrer longe do Jorge que está continuam.^te a perguntar-me se morro.

Adeus. Custa-me entristecer-te por q̃ te conheço a alma.

Teu mt.° grato

8/2/83

C. Cast.° Br.°

(Segue a carta de Thomaz Ribeiro a que Camillo se refere na anterior).

MEU PRESADO CAMILLO.

P.^te reservada

Eu cometti uma inconfidencia de que te peço perdão.

Chegava eu á Ajuda e dava-me o Sr. D. Luiz três livros seus com o offerecim.^to — a Cam.° Cast.° Branco escripto e assinado por elle. Lembrando-me da tua carta perguntei-lhe se elle sabia que lhe tinhas, ha tempo. inviado as tuas obras, disse-me que não. Seg.^da vez lhe

perguntei se o M. Cout.º lh'as não tinha offerecido respondeu-me, espantado da minha insistencia, que não costumava faltar á verdade. Foi-me facil justificar a m.ª indelicadeza, contando-lhe a verd.ª e dizendo-lhe onde estavam os livros que lhe offereceste. Não fallei no Biester. Já morreu e deveu ao Rei, que m'o recommendou instantem.te o ultimo pão que o alimentou no final da sua vida. Fosse verdade, m.to embora, elle não devia delatar-t'o.

Perdoemos aos sepultos.

Muito mal servidos são os Reis ! !

Faze pois o que te parecer, queima os livros que te invio, mas eu não faço ao Rei a desfeita de lhe tornar a entregar os livros que elle me deu com tamanha vontade de q̃ te fossem inviados.

Meu prezado Cam.º não tens ninguem mais teu am.º nem que te falle mais verd.ª do que eu, que sou ha m.to o teu devoto adm.or e obg.mo

8 de Fev.º

Thomaz Ribeiro.

XXXII

MEU QUERIDO THOMAZ.

Pelo despacho do es.cram da fazenda de Chaves p.ª o Porto deve haver uma vaga de 3.º.

Lembra-te do M.el d'Ascensão Espinho, escripturario de Fam.am

Teu mt.º
do c.

C. Castello Br.º

XXXIII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

Começa a felicid.ª do Donas Boto aos 70 annos. E' tarde; mas ainda lhe restam alguns annos amparados pelo pão que lhe deste. Elle hade lembrar-se de ti mt.as vezes: e, posto q̃ elle não reze, essas lembranças serão como oraçoens. Bem, meu caro am.º Eu, como sou m.to infeliz (extranho phenomeno!) alegro-me quando vejo os outros que o são sahirem da m.a plana. Dizem q̃ a velhice e a desgraça e a infermid.e são egoistas. Sancto Deus, como eu seria infeliz, se isto fosse verd.º!

Teu do c.

T. C.
20/2/83

C. Cast.º B.co

XXXIV

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Agora, meu querido amigo, nunca te pedirei mais nada senão q̃ sejas meu am.º até ao fim, e me absolvas da saraivada de cartas pedintes com que ajudei a perturbar a serenidade da tua vida de ministro. Beijo-te na face como me fez ha pouco, o escrivão de fazenda.

Como supplemt.º ás minhas infelicid.es pathologicas, o Senhor enviou-me uma ophtalmia que so me permitte o uso moderado de um dos olhos. Anna Placido queria escrever-te a agradecer o despacho do amigo do seu filho morto; mas prefere poupar-te á leitura de mais uma carta das pessoas tuas amigas e inolvidavelmt.e gratas.

Adeus meu quer.º Th. Rib.º

Teu

T. C.
9/1/84

Camillo.

XXXV

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Necessito urgentemente escrever-te uma carta longa, mas nem p.ª isso tenho saude. So duas palavras. O meu filho Jorge, o louco, é filho adulterino. Nada pode herdar. Sanctas leis! A mãe so pode deixar-lhe a 3.ª, não como a filho, mas a estranho; mas temos 10 contos nominaes em coupons na mão de m.ª filha Amelia. Tratei com a mãe que tu, meu caro am.º, farias ao Jorge doação desta quantia. So assim se pode garantir o futuro deste desgraçado, se viver. Os coupons hão de passar a Inscripçoens de assentamt.º, com reversão p.ª a mãe ou irmão, se elle morrer primeiro. Eu sinto-me no termo da vida. Se eu morrer, D. Anna escreve-te e tu decerto te prestarás a esta sancta fraude p.ª amparar o meu filho. Elle ficará assim com 8 contos q̃ chegarão para pagar-lhe um quarto em um hospital de alienados.

Tinha começado um trabalho de muito folego intitulado

O Vinho do Porto
Processo da bestialid.ᵉ ingleza
Exposição a Thomaz Rib.º
P.ʳ C. C. B.

Ja o não poderei concluir. A imprensa d'ahi e do Porto cuida que me incommoda com a troça do viscondado. São couces que eu ja não posso rebater com o meu ja partido chicote.

Adeus meu f.º

Teu do c.

24/3/84

C. C. Br.º

XXXVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Trouxe-me grande tranquillid.º a tua carta. Sei que farás o que a mãe te disser para lhe segurar o futuro que não será longo. Elle pode ficar com 8 contos de reis, cujo rendimento chega para as suas moderadas precisoens.

Já está no prélo a *Exposição* que te faço da *bestialidade ingleza*. Mandei tirar 2 exemplares especiaes em formato de 4.º para ti e para o Snr. D. Luiz.

Poupemos o teu tempo, e adeus.

Teu do c.

C. Castello B.co

T. C.
27/3/84

XXXVII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Muito obrigado pelas consoladoras expressoens da tua carta. As amisades como a tua revigoram e alentam.

Se S. Mag. me desse agora o titulo, sem eu o ter solicitado, aceital-o ía para não praticar a grosseira fanfarronice de o renunciar tendo o eu ja pretendido tres vezes como ElRei sabe e tu tambem; — aceital-o ía empenhando as minhas faculdades de trabalho a um editor para poder pagar os direitos de mercê; porém consultado previamt.e por ti, meu Thomaz, respondo q̃ aceito como titulo supremamt.e honorifico querer S. M. conceder-m'o; mas só isso, por q̃ não tenho filho algum a q.m possa utilisar o meu sacrificio aos 58 annos. O Nuno em q.m decerto pensavas qd.º me escreveste não está

mt.º mais longe da sepultura q̃ eu, e até poderá estar mais perto. O Jorge, bem sabes, ja lá está.

A Sua Mag. e a ti se rende a gratidão indelevel do teu

Camillo Castello Br.co

T. C.
29/4/84

XXXVIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Jorge, o meu querido doudo, pediu-me q̃ te mandasse a inclusa *poesia*. Faço o q̃ elle pede p.r q̃ sei q̃ a lerás com um sorriso de amoravel compaixão. Por aqui está tudo morto, envidraçado de gêlo; e o meu pobre filho tem na fantasia flores e mariposas. Se houvesse um Deus em communicação com as suas desgraçadas creaturas q̃ me permittisse trocar a m.ª vida consciente pela deste mentecapto, eu não aceitaria a troca para não lezar enormissimamt.e o meu filho.

Qualquer dia vai ahi o Eduardo da Costa Santos commandante de bombeiros, e meu editor, entregar a el-Rei o exemplar do «General Carlos Ribeiro». Naturalmt.e procura-te, pedindo-te q̃ o apresentes. O snr. D. Luiz conhece-o. Este Santos tem por el-Rei um fanatismo medieval. Honrado e valente homem. Ja veio a Seide trez vezes recitar-me umas palavras q̃ S. M. lhe dirigiu em um jantar no paço do Porto. Se o Sr. D. Luiz ler o meu folheto, dá-me a sua opinião juntamente com a tua. E adeus meu querido amigo.

Teu do coração

Camillo Castello B.co

(Seguem os versos a que se refere a carta anterior).

Florinha perfumosa,
que estás no meu jardim
Concede á maripoza
A folhinha formoza
Que tinhas para mim.

Jorge Castello Branco.

XXXIX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Estava para ir a Lisboa o E. da Costa Santos procurarte com o livro p.ª o Snr. D. Luiz. Disse-lhe que não fosse sem q̃ eu primeiramente soubesse quando S. M. poderia recebêl-o. Parece-me que o lucto será impedimento p.ª alguns dias. Dize-me em duas linhas quando elle poderá ir.

Tenho estado mais afflicto que de costume receando que o Nuno perca a vista em resultado de uma irite. Tem aqui vindo um especialista do Porto que tem esperanças de que elle apenas fique cego de um olho. Ha dois mezes veio d'ahi com tuberculos (dizia o Sz.ª Martins) que felizmt.e eram apenas uma passageira impermeabilid.e no pulmão esquerdo. Depois, appareceu a ophtalmia q̃ é mais seria. De q̃ tem servido a superabundancia de dinheiro áquelle rapaz? Estafou-se, deteriorou a sua fraca compleição a guiar tiros de cavallos. Vi que tiveste em casa um mortuorio. E' triste ver morrer uma creança!

Adeus, meu filho.

Teu do c.

P. S.

C. Cast.º Br.co

Lembranças de A. Placido.

XL

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

5/5/84

Como eu, na minha ultima carta referente ao titulo, te disse que S. M., e tu tambem, sabiam que eu pedira trez ve-

zes a graça, n'aquelle «tu tambem» pode involver-se a hypothese de q̃ em tempo te escrevi a tal respeito e não achaste agora a carta em q̃ eu te indicava a denominação do titulo. Deste modo, fica ElRei entendendo q̃ depois dessa ultima tentativa, a m.ª enfermid.e e dos meus filhos nos desprenderam de ambições de regalias, q̃, p.ª o serem, requerem um certo contentamt.º. e, sobre tudo, saude - esperança de vida. Do q̃ eu me não desprendo é da muita, muita gratidão a q̃ suavemt.e me obrigam estas tuas cartas e a boa disposição de S. M. a meu respeito.

Ainda não recebeste *O vinho do Porto* (a sêcco) por q̃ o principiei para 40 paginas e já vai em 90 com as intermittencias humouristicas que me occorrem q.d vejo as provas.

Queria enviar-te p.ª tu mandares com alguma dadiva tua para a Crèche uma caixa p.ª rapé antiga de bronze lavrada; mas q̃ não pertence perfeitamt.e á idade do bronze. Não sei como hei-de mandal-a aqui deste sertão. Tenciono pedir ao Costa Santos, o editor, q̃ se encarregue d'isso, se eu poder ir ao Porto e a kermesse se demorar. Ha mais de 50 dias que estou de cama á espera de um dia de sol que venha applacar-me as nevralgias. Vê se dos teus cem annos, em perspectiva, me cedes 2 ou 3, e contenta-te com 97.

Anna Placido diz q̃ não te esqueças da sua inalterave amisade mt.º reconhecida.

O Jorge fez 2 desenhos e dedicou-t'os. E que *desenhos!* O *Freguez do Albergue* tem realismo e o *abbade* tambem O meu querido doudo lembra-se de ti quando o aguilhoam as aptidoens artisticas amalgamadas no turbilhão de trevas q̃ lhe vai na alma. Como não lhe posso mentir, mando-te os desenhos, que não tencionava enviar-te. Mas, pensando bem p.r q̃ não heide mandar-t'os? Tu tens coração p.ª recolher esses farrapos de uma grande intelligencia despedaçada.

Adeus, meu bom Thomaz Ribeiro.

Teu do c.

C. Castello Br.º

XLI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

11/5/84

A curiosidade publica não dará grande importancia ás *Republicas*, porq̃ em Portugal a gente seria e valida não teme a republica por que a considera utopia banal de alguns Paturots vadios e de poucos homens intelligentes *déclassés* desencadernados. Ainda assim, o q̃ houver brilhantemt.e historico no teu trabalho de sociologia comparada hade ter sempre o valor de prelecção historica.

Um periodico com tal titulo e neste *quintal do tio Lopes* a q̃ tu chamaste *jardim*, deve ter uma secção predominante — *a do ridiculo*. Convem fazer rir o publico á custa de Arriagas, de Theophilos, Magalhaens Limas, Conceiçoens etc. Empalados os caudilhos, personalisada a Republica n'elles — sem menospreço da questão doutrinaria — a questão morre como a lendaria Maria Rita. Era esta a secção q̃ eu tomaria sob m.ª responsabilid.e, se eu tivesse saude, e vivesse perto desses Aristogitons p.ª elles me não mandarem a Seide homens barbaçudos com credenciaes para duellos. A monarchia tem amigos mt.º intelligentes; mas ainda não entraram na linha recta do combate com a pelintragem que hostilisa o rei. Os progressistas tem praticado a censuravel insidia de favonear com o seu silencio e ás vezes com o seu applauso as diatribes do *Seculo* e as parlamentares do Arriaga. Sempre assim. Os mais avançados do liberalismo, os Passos, entraram no Porto fazendo cauda ao Povoas, em 1846 ou 47. A atitude dos jornaes liberaes, mas opposicionistas, é a da satisfação quando a corte é insultada em caricaturas. Girandolas de elogios á graça do Bordalo, a mais chata e desgraciosa fantasia que ainda viste, não é verd.e?

Estes diabos nem sequer se fazem perdoar a garotice pela chalaça.

Voltando ao periodico: se o tomares a peito, creio que viverá vida modesta, duradoura, mas sem carruagem. Se eu recuperar a saude p.r um milagre, auxiliar-te-hei quanto eu souber e poder. Mas o *milagre!...*

O Jorge está peorando. Tem accessos de odio e falla em matar. Se houver victimas a primeira hade ser a mãe, por q̃ era q.m elle adorava. Hontem lhe disse elle, depois de a insultar: «Não diga nada disto ao papá, por que elle está mt.o velho, não sabe o que diz e descompoem-me». Nunca lhe ralhei, nem tive expressão aspera que lhe dissesse; apenas lhe tenho *supplicado* que não se embriague; mas elle embriaga-se por que sente alg.m beneficio com esse acrescimo á demencia.

Mandei-te um folheto antigo, q̃ talvez não tivesses visto. Esse *Gonçalves Basto* foi o amante da Garrett, em Londres, que deu causa ao divorcio em 1837. Vou se poder, ámanhan ao Porto. De lá te mandarei a caixa p.a a Kermesse.

De todo o coração

teu

C. Castello Br.co

XLII

MEU AMIGO.

Venho pedir-te a fineza de fazeres chegar á mão do Sr. D. Luiz o exemplar da bagatella q̃ vae junto com o teu.

Boa saude te deseja o teu obrigadissimo

C. Castello Br.co

T. C.
Seide 1 de Junho de 1884

XLIII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

A tua poesia dos Albergues é uma maravilha. Eu cuidava que ja não havia faisca de commoção p.ª mim em versos. E' pois certo que sob a corrente electrica do genio não ha cadaveres impassiveis.

Não dês importancia á carta que te escrevi á cerca do escr.am de Murça. Elle veio aqui e está resignado e quase feliz.

Teu do c.

Camillo C. Br.co

XLIV

MEU AMIGO.

E' preciso cuidado com essa perna. Lembra-te do calcanhar d'Achilles, quando te alegra a previsão de assistires ao teu centenario.

Minha nora, segundo o parecer do medico, está a morrer. Considero-a perdida; mas por infortunio d'ella, a sua agonia talvez se prolongue até ao inverno. A m.ª neta talvez a preceda. Esta está comigo infelizmt.e

M.ª filha Amelia esteve aqui 10 dias, e ganhou forças Foi p.ª o Bussaco, onde esteve 15 dias, e de la regressou a uma qt.ª que tem em Valbom. Parece que se restaurará. A Camilla, m.ª neta, tambem estava anemica, e melhorou. A meu ver, o excessivo estudo contribuiria mt.º Tem 16 annos e falla correntemente francez, inglez e allemão. Forte asneira! Para que lhe servem tantas linguas, sendo ella uma *lingua de ouro,* «Chrysostomo» de saias, visto q̃ tem 150 contos?

Diz o pai q̃ em qt.º ella estuda não namora. Pelos modos, as 11$ virgens eram polyglottas; mas as sabias modernas não tem provado bem um materia de virginismo. Que eu não sei bem o q̃ tem feito a Canuto. Indaga tu para ensaiarmos uma statistica.

Aqui estou embrenhado em Seide como auxiliar á pobre Anna P. nos desgostos por q̃ está passando. Tinha eu immensa precisão de sahir algum tempo deste meio; mas não devo nem posso. E' morrer no pôsto. O Oliv.ª Martins privou-me do passatempo da questiuncula. Bem cuidei que haveria grande *chinfrim* por pt.e dos sabios dep.s que avancei a proposição de que os portuguezes nada apprenderam dos jesuitas. Creio que ninguem levantou a luva p.r entenderem que eu estava doido. Pois olha q̃ era uma questão bonita. Por outro lado seria bom p.ª mim, por que eu escrevo sem livros. Vendi a minha livraria p.ª pagar umas dividas, e não lezar o peculio ao Jorge. Receei q̃ p.r m.ª morte, o Nuno vendesse a livraria a pêzo. A's vezes, tenho saudades d'ella; mas invoco a reflexão, e applaudo-me por têl-a vendido. Restaura-te de todo, meu querido amigo, e dá-me uma vez por outra noticias tuas.

Teu velho e gratissimo am.º

10/8/84

C. Castello Branco.

XLV

MEU QUERIDO AMIGO.

Morreu a minha neta. Sobreviveu á mãe 15 dias. Teve dois mezes de agonia nos braços da avó, e tinha 16 mezes. Gemeu incessantemt.e 3 noutes e 3 dias. Quando ouvia fallar a avó, interrompia os gemidos e abria os olhos. Eu desde sabbado q̃ não cesso de chorar, se não p.ª sentir estallar-me o peito de saudade. Anna Placido não resiste a esta dor.

Entretanto o pai nem uma lagrima, nem uma fingida sensibilid.e se quer. Consola se com os 200 contos q̃ herdou da filha e da infeliz mulher. Vive em uma das suas quintas rodeado de bebados da m.s baixa condição e dizem-me que trata de se abarregar com uma qualquer mulher na caza que ainda cheira ao cadaver da esposa. Está gotoso, com uma cystite procedente da blenorragia e alcoolismo. Ainda ha pouco veio d'ahi classificado tristemt.e pelo Sousa Martins. Despreza todos os conselhos e repelle quem lh'os dá. Perdido de todo p.a a honra, e d'aqui a pouco prostrado paralytico, ou talvez morto.

Aqui tens a m.a vida. Eu sinto-me morrer de desgostos e de falta de nervos e de sangue. Vou experimentar os ares do mar. Amanhan vou p.a a Foz, p.a o Louvre. Dize-me alg.a cousa da tua saude. E, uma vez por outra, lembra-te dos infelizes como o teu

C. Cast.o Br.co

4.a fr.a

XLVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Pela assignatura do telegramma incluso, deves ter cautella, com as calumnias dos telegraphistas que te compromettem.

Abraço-te pela tua saudação n'um dia amarguradissimo... como todos os de teu

C. Cast. Br.o

(Segue o telegrama a que se refere a carta anterior).

Camillo Castello Branco
S. Miguel de Seide — Fam.cão

Ao mestre ao seu digno Director envia boas festas

A Redacção dos Republicanos

XLVII

MEU QUERIDO AMIGO.

Já appello p.ª a Republica a ver se deixas de ser ministro. O outro meu sob.º q̃ ahi é deputado, o J.ª Cast.º B.ºº, pede-me uma carta a favor de um cap.ªm Xavier Machado — carta de apresentação. Não tenho remedio senão enviar-lh'a. Comprehendes isto... e o resto.

Teu do c.

C. Cast. Br.º

XLVIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Quando eras governador no Porto, pedi-te não me lembra o quê a favor de um professor-poeta Henrique Marinho. Não podeste fazer-lhe o que elle pretendia. Agora me pedem de novo para que eu obtenha de ti o que na carta inclusa verás. Tenho a certeza de que protegerás o homem, se estiver na tua mão esse despacho. O nosso periodico tem leitores? Estou que o acham seriamt.ᵉ engravatado de mais; mas como os outros andam em mangas de camisa, pode ser que o leiam como contraste e anachronismo.

Teu mt.º grato

19/1/85.

C. Castello Br.ºº

XLIX

MEU QUERIDO AM.º

Não te é permittido, como escriptor e funccionario de primeira plana, descer a pedir subscriptores p.ª um periodico. Eu, por mim, vendia ha poucos annos a propried.e dos livros por uma bagatella, para não sollicitar assignaturas; e hoje antes de as pedir, se não tivesse editor, morreria silenciosamt.e de fome ou de tristeza ou de congestão cerebral.

Não podemos fazer nada deste periodico. Nasceu incuravelmt.e aleijado — pelo formato, pelas condiçoens de hebdomadario — pela falta de noticiarismo diario, pela gravidade da redacção, pela collaboração revelha e sem interesse litterario, de alguns amigos, bem intencionados, mas fugidos do Almanack p.ª onde devem regressar.

Estes manuscriptos q̃ hoje me enviaste, e devolvo, são como os outros. Como heide eu examinar a dentadura de cavallos dados? Sabes o anexim. Como se hade refugar a semsaboria de Mag.es Cout.º, idiota senil, que acha injusta a opinião contra J.e Agostº. de Macedo por q̃ elle tinha talento! que tem q̃ ver o problematico talento do frade com a sua vida infame, sobre a qual lavrou sentença a opinião publica? E tanta inepcia para nos dizer o nome de uma borbulha q̃ lhe nasceu na cara. Por ventura, um escripto desta especie admitte analyse? E todavia digo-te q̃ o publiques, e m.s os outros. Eu não me attrevo a magoar o Cordr.º, esse bom homem que tem a immortalid.e da *Douda de Albano*, e já não deve morrer ás mãos truculentas d'um pobre diabo como eu. Olha, T. Rib.º, a m.ª opinião é que te aguentes na *1.ª serie*, e vejas se pódes sem pêrda acabar com isso. E depois pensaremos em uma *Revista quinzenal*—Politica, litteraria e critica — com 32 pag. em 8º, na qual eu entrasse com um capt.º de romances, tu com uma revista politica e uma poesia, o Caldas

com um art.º de critica litteraria, e, se podesse ser, (pagando-lhe) a D. M.ª Amalia com o que quizesse — e m.ˢ alg.ᵐ que se encarregasse do *Carnet Mondain*. Assim creio que faríamos uma coisa bonita mas lucrativa.

Teu do c.

C. C. Br.ᵒ

L

MEU QUERIDO T. RIB.º

Amanhan, 5.ª fr.ª, vou p.ª a Foz (Hotel Mary Castro) com a m.ª gente. Vae tambem o Jorge, se o podermos resolver a deixar o espêlho e a cortar um calo. Não te escrevo mt.º por q̃ não posso. Os olhos no m.ᵐᵒ estado. Anoitece-me ás 6 da tarde.

Teu

C. C. Br.º

LI

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

R.ᵇⁱ a tua resposta na Foz onde tenciono demorar-me 8 dias. Estou curando uma nevroze de olhos que me tem mortificado. Agradeço-te a promptidão da tua condescendencia em solicitares a graça. Se por parte do ministro houver alguma delonga significativa de pouca ou nenhuma vontade, esperemos que tu sejas ministro.

Ja avisei o D. Botto. Amarante tem o rio Tamega povoado das famosas dryades do abbade de Jasente. Que mais quer um poeta?

Abraço-te, como teu

C. Cast.º B.ᵒᵒ

LII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

Assim como te enviei o *prefacio*, te envio o *Post-scriptum* da «Maria da Fonte». Peço-te que revejas essa prova, ou a recommendes á commiseração do Revizor.

Se me não fosses á mão pela philaucia, desejaria ver os art.^{os} litterarios (excepto as poesias) q̃ entrarem nas Republicas. Como precisamos de acceitar e não impor a corrente das ideas, seria bom q̃ o nosso semanario, prevalecendo-se da seried.^{e}, não descambe em caturra, nem nos retrograde ao ominoso romantismo. Em appreciação de poesia dou-me por incapaz. As tuas sei aprecial-as, e p.^{r} isso m.^{mo} basta-me vêl as impressas.

Teu do c.

T. C.
25 de março

C. Cast. Br.^{o}

LIII

MEU QUERIDO T. RIBEIRO.

O expediente de me submetteres a collaboração das «Republicas» não é bom, por q̃ eu regeitaria quase tudo. O diabo da velhice perverteu-me o paladar de modo que este fastio intolerante me está sempre levando para leituras estrangeiras ou para as antigas, se quero achar alguma cousa nova. O nosso periodico desde o começo apresentou-se mt.^{o} engravatado litterariamt.^{e} O José Caldas, greco-latino, com um estylo masculo e pujante, laudanisou-se para escrever p.^{a} uma gente que prefere aphrodysiacos ou pelo menos chalaças. Castilho, com rouxinoes, em pleno inverno, deu-nos uns ares de Menalco de tibia sonorosa. Os contos de Lanhoso do Romeu tem

o cunho romantico de 1840, e aquillo ja elle nos impingiu trez vezes, m.ª ou menos incorrecto. As tuas magestosas poesias faziam mal ao periodico por que davam azo ás confrontaçoens com o resto. O Xavier Cordeiro está no cyclo litterario do Soares Romeu e o Vilhena Barboza é uma petrificação de velharias saturadas de preconceitos q̃ ha mt.º estão expungidos da sciencia util. Esse homem p.r força devia ser uma pessoa notavel na Academia.

E o certo é que não temos onde escolher, quando se trata de um periodico de redacção gratuita. Ou pagar aos raros como Latino, Ramalho, Eça de Queiroz, etc., ou aceitar essas empadas requentadas que solicitam a publicidade. Tu não precisas do meu voto p.ª saberes o q̃ é bom; mas, bem sei, não queres ler — nem eu. Deus me livre. Antes queria, se tivesse saude, encher o jornal, p.r me persuadir que o faria melhor do que elles — e desculpa a basofia.

E estou tão inapto p.ª escrever que o medico que imagina salvar-me impoz-me o preceito de não escrever, nem pensar alguns mezes. Vou retirar-me de Seide para o alto de uma serra e viver de leite. Provavelmt.e não pararei até cahir no paradeiro final.

Abraço-te com mt.º desejo de ainda te ver uma vez, o que me parece inexequivel. Teu do c.

C. Cast. Br.º

LIV

MEU QUERIDO AM.º

A acção da quimera e a reacção da desgraça. Sempre assim a m.ª vida.

Pelo exame dos especialistas de olhos e pelas suas applicaçoens, desconfio que vou cegar. Espero meu sob.º, o medico J.e Cast.º Br.co, vindo de V.ª Real p.ª me desenganar. E' o natural resultado de 40 annos de trabalho.

Na hypothese provavel da cegueira, q̃ será p.ª mim, a morte, sequou-se o manancial dos meus recursos. Ficam os da mãe dos meus filhos; mas eu não posso nem devo sobrecarregal-a com o pagamento dos direitos pelo titulo. Por tanto meu querido T. R. se ainda é tempo, não promovas a obtenção da mercê, visto q̃ o Estado não pode dar-m'a gratuita, nem me quero inscrever entre os caloteiros da especie em questão. Terás o ensejo de agradecer novamt.e a ElRei, se em S. Mag.e, como supponho, encontraste boa disposição em attender-me.

Muito obrigado pelas diligencias que fizeste a bem do Botto. Para Amarante não vae mal.

Adeus, meu filho. Quem sabe se te escreverei agora a ult.ª carta?

Teu do c.

C. Cast.º Br.ºº

S. João da Foz 19 Junho 85.

LV

MEU QUERIDO AMIGO.

Seide, 6.ª fr.ª

Quando suspeitei q̃ os especialistas me consideravam attacado de cataratas ou amaurose, perdi o animo, e não pude demorar-me na Foz. Precisava *ver ainda* o Jorge e a mãe. Vim ler o q̃ tenho sobre doenças de olhos, e parece-me que o meu soffrimt.º é uma nevrose, e que nos olhos não tenho lesões irremediaveis. Os especialistas não me disseram q̃ as tinha; mas *examinaram-me demais*. Estou animado e volto amanhan p.ª o Porto, e na 2.ª vou com a m.ª fam.ª para a Foz.

Hontem recebi o teu telegramma. A tua resolução de *não desfazer* foi boa, se eu recuperar forças p.ª o trabalho. E, se as não recuperar, de qualq.r modo me *desobrigarei* com o thesouro; comtigo é que não posso. Vejo q̃ ainda não consegui aborrecer-te. Se o decreto foi assignado, como presumo, os jornaes ainda o não sabem. Provavelmt.e hão de sabel-o pelo *Diario do G.* Eu queria arranjar saude para ir ahi agradecer a S. Magestade. Não a espero. Readquirida a vista, falta-me recuperar as pernas. Sustento-me em pé encostado a duas bengalas. E' um esphacelamento espantoso em 6 mezes.

Se houveres de me escrever, envia a carta para o Hotel Mary Castro, Foz.

Teu do c.

C. Castello Branco

P. S.

R.bi agora os parabens do Bernardo Pindella. Em vista disto demoro-me aqui até 2.ª fr.ª. Não quero apparecer no Porto quando se discute o merito do agraciado. Isto não é bem modestia: é mêdo ás trovoadas de lama que ali se fazem.

LVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Recebo o teu telegramma no Porto, onde vim expor-me aos especialistas de olhos. Volto p.ª Seide amanhan esperançado na cura.

Quando eu poder, se poder, irei a L.xª. Não irei dizer-te nada do que devo á tua amisade.

Teu do c.

Camillo C. Br.co

23/6/85

LVII

MEU QUERIDO THOMAZ RIB.º

Escrever a ElRei! Eu sei la como isso se faz! Dize-me como se começa e como se acaba e como se sobscripta. Que ignorantissimo visconde! O do Granjão e o defunto das *Hortas* não se veriam em maiores angustias!

Volto p.ª a Foz 2.ª feira por causa dos olhos.

Teu do c.

C. Cast. Br.º

Responde-me, sim?

LVIII

MEU QUERIDO T. RIBR.º

Não cheguei a sahir de Seide, por falta de força. Depois de amanhan envio-te a carta para ElRei. Não vai ja por que não tinha o papel da tarifa. Se eu podesse ir a Lisboa... Não imaginas como estou velho e escavacado! Estou no uso do arsenico, tomado em doses grandes. Parece-me ser um suicidio encapotado em medicação reconstituinte.

Anna Placido envia-te mt.os affectos. Parece-me que será brevemente a mãe legitimada do meu, do nosso querido Jorge. Elle cá está — o anjo da desgraça — na contemplação de um mundo interno que o faz rir. Assusta-me a sua inappetencia. Alimenta-se mal, e não ouve nem intende preceitos de hygiene.

Meu adorado am.º, adeus.

Teu

T. C.
1/7/85

C. Castello B.co

LIX

MEU THOMAZ RIBEIRO.

A tua carta de hoje poz duas lagrimas nos olhos de Anna Placido. Ha 27 annos que eu a vi chorar outras lagrimas alegres no dia em q̃, por amor de mim, perdia fam.ª, fortuna e consideração. Quem então nos viu e hoje nos vê, ella e eu, dois velhos a guardarem um filho alienado! Mais dous passos, mais um lance de olhos ao passado, e estamos na cova, hirtos, 8 dias, mais 8 mezes no esphacello, e depois os romancistas do seculo XX a exhumarem-nos e a mentir por nossa conta, em 8.º portuguez, dezenas de volumes. Como os nossos netos hão de entreter-se comigo, ó Thomaz Ribr.º! Ama o teu velho

C. C. B.

A carta a S. Mag. serviria ?

LX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Vou sahir moribundo para S. Thyrso. D'aqui a dias la serei enterrado. Não te verei mais, meu excellente am.º, nem poderei escrever-te. Nesta carta vae a minha ultima gôta de sangue. Quando eu morrer, aconselha Anna Placido sobre o futuro de Jorge. Não cheguei a cazar com ella. Parecia-me que não devia em art.º de morte conceder a esta senhora o q̃ os celibatarios concedem ás creadas com quem cazam quando vão morrer. Foi m.ª amante querida 27 annos. Isso será até ao fim. Desejas saber de que môrro? Desgostos desgraças, o isolamt.º de 20 annos e um trabalho sem repouso. Não fiz caso do deperecimt.º dos meus nervos, nem

da extrema debilid.ᵉ a q̃ cheguei. Nestes 2 annos finaes deu-se um phrenesi nevrotico que me fez andar n'uma vertigem incessante. Afinal, um medico, imagina que poderá salvar-me levando-me p.ª o seu lado. Vou p.ª dar alguns dias de esperança a esta pobre senhora; mas sei que morro e morro dentro de 8 dias. Ad.ˢ Thomaz Ribeiro. Guarda no teu coração a lembrança de um am.º a q.ᵐ tu quizeste ainda levantar a alma qd.º o corpo ja não podia com ella.

Camillo Cast. Br.ᵒ

Seide 19 de Julho 1885.

LXI

MEU QUERIDO AMIGO.

Lembras-te de mim. Bem o vejo nas referencias das «Republicas».

Estive 16 dias em St.º Thyrso. Senti alguma melhora em parte dos meus padecimt.ºˢ Cheguei a poder estar quieto, a sentar-me desfalecido e permanecer n'essa quietação algumas horas. Alguns dias comi com grande vontade; mas o lavor da digestão amargurava-me o prazer da gula. Afinal, qd.º vi que as vantagens dos primeiros dias eram insidiosas, e que tudo isto voltava á desgraça de um soffrimt.º atroz q̃ a medicina, rica em nomenclatura, chama *nevropathia*, regressei a Seide onde estou desde hontem padecendo como no dia em que d'aqui sahi. A medicina não pode nada: manda-me distrahir. Distrahir-me eu! que paradoxo! Aconselham-me talvez mentalment.ᵉ um namôro; convir-me-hia por ventura alistar-me no sport; rodear-me de gommeux ricos de anecdotas hilariantes... A m.ª unica distracção seria o trabalho; mas eu não posso escrever e menos ainda pensar. Cravo as mãos na fronte a ver se suffoco as ideas tristes; por que um pensa-

mt.º amargo repercute-se-me logo no fogo do ventre e nos espasmos da garganta. Isto é mortalmt.e horrivel, meu am.º

Não posso mais.

Teu do c.

C. Castello Br.º

Seide
6/8/85

LXII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

A carta estampada nas «Republicas» póde indispor-me com os fornecedores da herva do Minho — os vigarios. Tem cautella com o meu corpo em qt.º a alma anda por aqui á cata da sua metempsycose.

Na proxima 5.ª feira vamos para a Povoa de Varzim. Os medicos promettem-me á beira-mar, pelo menos... mais pescadas.

Se eu viver em novembro, heide ver se posso ser apresentado por ti á sciencia ou á caridade de algum medico de Lx.ª. O q̃ eu queria, meu querido am.º, era q̃ me dessem a vista que eu tinha ha 4 mezes, para poder trabalhar até morrer. Não me podia ser inflingida maior tortura q̃ isto de não poder escrever sem grande mortificação.

De resto, qt.º á vida, eu olho serenamente para o desenlace fatal. Todo homem, baldeado de miseria em miseria, tem obrigação de aceitar providencialmt.e a morte, quando um dos queridos da sorte como o Snr. D. Fernando a encara com tão bizarro desprezo, entretendo-se com as coisas q̃ lhe fizeram amavel a vida.

Como tudo isto é triste, Thomaz Ribeiro!

Abraço-te e aos teus filhos.

Teu mt.º devedor

Camillo.

LXIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Tenho experimentado algumas melhoras na Povoa de Varzim: apenas me faltam a vista e as pernas. Promettem-me os medicos que tudo isto me hade vir do oceano; por em quanto, Neptuno apenas me tem fornecido algumas tainhas. Resolvi esperar por todo este inverno as pernas e os olhos. Por aqui ficarei perto do cemyterio onde está sepultado o meu Manoel — aquelle formoso rapaz que ha 17 annos corria comtigo pelas florestas de Seide, e que veio aqui morrer d'uma febre cerebral em 1877.

Lembra-te do teu

Povoa
22/9/85

C. Castello Br.º

LXIV

MEU T. RIBEIRO.

O que tu ahi fizeste meu querido am.º! que titulo eu ja possuia tão grande na tua amizade. Beijo-te no rosto.

Volto amanhan p.ª Seide mais doente e desanimado.

Teu

C. Castello Br.º

24 de 7.º 85.

LXV

MEU CARO T. RIBEIRO.

R.bi as coisas Academicas — Agradecerei a D. J.e Asencio a honraria. Espero com anciedade o *Othelo* do Sr. D. Luiz. E' mais facil ser Elle um Shakespeare do q̃ eu um *Sancto*.

O octogenario Donnas Botto, q̃ tu collocaste em Aveiro, pede-me que te supplique que o não transfiram no fim do triennio. E' possivel? Deixem-no ali morrer que não tardará.

Teu do c.

C. Cast. Br.co

LXVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Decerto dirias a ElRei quanto eu apreciaria a fineza de Sua Magestade enviando-me este livro que vou immediatamt.e ler, e que d'aqui a trez horas estará lido. Eu te direi a impressão que me deixa. Provavelmt.e deve ser a que me deixou a leitura do original, desde que o traductor escreve: *Fiz uma traducção quase litteral*. Os livros de Shakespeare, adulterados ou paraphraseados, são como os velhos castellos photographados e depois coloridos para lhe dar aos musgos o verde do *espinafre*, como dizem os francezes.

Quem me dera alguma saude para ser o portador de duas palavras humilissimas de agradecimt.o a ElRei e a ti...

Teu do c.

T. C.
22/1/86

C. Cast.o Br.co

LXVII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Apezar da m.ª incapacidade para apreciaçoens tragicologicas, heide escrever à cêrca da fidelissima versão do *Othello*, em um dos proximos n.os dos «Seroens de S. Miguel de Seide». Tencioho tirar 30 exemplares n'outro papel, formato e typo. Um exemplar para Sua Magestade, outro p.ª ti, o terceiro para mim, e os restantes enviar-t'os-ei para os dares a 27 am.os que saibam ler; duvido, porém, q̃ tenhas 27 amigos que saibam ler.

Apesar de mt.º doente, escrevo, e escrevo-te sempre.

Vi hoje um retrato meu ahi publicado na «Illustração portugueza». Não acredites. Eu não estou tão esphacellado, graças aos ceus! O meu Jorge, que é doudo, vendo o retrato disse: «E' a copia d'um busto antigo achado n'umas ruinas.» Momento lucido. Hontem, ás mesmas horas, de faca em punho ameaçava matar a mãe. Estamos em cima d'um vulcão. Os medicos dizem q̃ o recolha ao hospital, e nós preferimos morrer ás mãos d'elle. Agora ouço a mãe a tocar no piano não sei q̃ mt.º triste, e elle acompanha-a com a flauta.

Como isto é triste!

Teu do c.

Camillo Cast.º Br.co

27/1/86

LXVIII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

Obrigado pelos teus *parabens*...

Envio-te 3 folhas impressas do *Esboço;* mas peço-te q̃

não mandes transcrever nada sem q̃ o volume esteja completo em teu poder. Parece-me q̃ t'o enviarei no fim da semana.

Teu

Camillo C. Br.co

O meu editor mandou-me o memorial incluso. Se Sua Magestade quizesse perdoar á pobre preza...

Eu lembrei ao Costa Santos que ElRei obtemperava ás propostas do Conselho de Estado. Elle redarguiu com a carta inclusa.

LXIX

MEU QUERIDO AMIGO.

Já não é a primeira carta que se transvia. Pode ser q̃ outras, de diversa procedencia, se hajam perdido; mas não dou pela falta por que as tuas é q̃ eu espero com interesse.

Tem-se demorado a public.am do livrinho à cêrca do *Othello*, por que o editor o poz em má typographia. Da 1.ª folha vi 5 provas! A mim, por causa da nevrose dos olhos, é-me mt.º mais penoso ver uma prova do q̃ escrever o original. Espero, porém, q̃ por estes 10 ou 12 dias ahi tenhas a desvaliosa coisa. Resolvi fazer só uma edição, e não republicar o trabalho nos *Seroens*. Exemplares distinctos, apenas mandei tirar um p.ª el-rei.

Ha mt.º que eu recommendei ao editor q̃ te enviasse os *Seroens*. Mandei-te hontem o 4.º tomo. Não tenho os outros. N'esse verás a excentricid.e com que me insurjo contra a escola do meu collega e visinho visconde de S. Bento. Se elle se zangar comigo, e por esse meio viermos a descobrir verdades, passam os viscondes a substituir *as comadres*, no velho anexim.

Dou-te uma noticia desagradavel. Desconfio de amolleci-

mento cerebral. Estou sempre a dormitar, e difficilmt.e me equilibro. Não como, não tenho um momento de bem-estar da alma ou do corpo. Logo que o tempo o permitta, vou sahir d'aqui; talvez p.a o Bom Jesus, onde por em quanto não está ninguem. As caras humanas fazem-me horror.

O Jorge ja não toca. Entreteve-se meia duzia de dias a tocar orgão. Tocava deliciosas tristezas *ad libitum*. Agora, se lhe pedem q̃ toque, incolerisa-se. Temos-lhe m.to medo, nos ataques de furia.

O Nuno ja deve estar no Rio. Hoje li, com sobresalto, q̃ os casos de febre-amarella são la m.t.os. Encarreguei-o a um medico meu am.o; é natural que elle o mande para S. Paulo.

E, se elle morrer? Estarei ainda reservado para assistir á morte dos dois e da mãe? Não o espero. Esta herança da demencia... é uma fatalid.e. Ambos os meus filhos tiveram quinhão atavico da do avô. Sabes que meu pae morreu doudo, e m.a avó, e duas m.as tias, e meu tio Simão, o do *Amor de perdição*, doudo era tambem. Esta herança vem-me dos Castello Brancos do Guardão, d'onde era m.a avó. D'esta raça existem ahi os filhos do Bruschy cazado em 2.as nupcias com D. M.a da Luz de Sousa Castello Br.co. Serão doudos tambem? Pode ser q̃ não, injectados pelo sangue fortemt.e burguez do pai.

Que massada!

Teu

C. Cast.o B.co

Dom.o

LXX

MEU AM.o QUERIDO.

Mando-te hoje os *Volcões de lama*. Ja vi 16 pag., em prova, da apreciação do *Othello*. O trabalho está concluido. Dará 80 paginas.

Isso da politica está o diabo! Volcoens de lama por toda a parte. Meu sobr.º José, da Samardan, faria bem se com uma queixada do Elvino desqueixolasse os outros philisteus.

Teu do c.

C. Cast.º Br.ºº

LXXI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Enviei-te hontem 2 ex. do *Esboço*. Registei-os para haver mais probabilid.e na entrega.

El-Rei decerto acha disforme a cabeça d'esse trabalho para corpo tão pequeno. Tambem eu. O assumpto era para mais comprido fôlego; mas a m.ª respiração é já mt.º curta. Falta-me a saude e o contentamt.º que se requer para o trabalho. Falta-me tambem um peculio de conhecimt.ºs especiaes e de expositores que não tenho, nem consultaria, se os tivesse.

Agora trato de sahir d'aqui para uma serra do Minho. Mandei comprar um jumento ao campo de Coimbra, e, logo q̃ elle chegue, partimos os dous por esses montados fora. Sinto-me bom para Sancho do Quichote que fui ha 30 annos. S. Magestade decerto te diz que o meu livrinho não está mt.º máo; porém, tu, vais ter a benevolencia am.ª de me dizer o q̃ ElRei pensa, e não diz, e o que tu pensas e decerto dirás.

Meu filho Nuno ja ahi está no Lazareto. Espero-o d'aqui a 7 dias. Teve o bom senso de se demorar 5 dias no Rio de Janr.º O imperador mandou-o chamar.

Adeus meu bom amigo

Teu do c.

3 horas da manhan
— 6.ª fr.ª

Camillo.

LXXII

MEU QUERIDO AM.º

Amanhan vamos p.ª S. Thyrso, onde mora o medico que me trata e promette salvar-me. Foi teu collega na camara — chama-se Soares Ferr.ª. Este m.mo me pediu hoje, a respt.º do juiz Andr.e o q̃ verás dessa carta. Eu não a pude ler, e tu não terás m.s coragem do q̃ eu. Parece q̃ pede licença p.ª tomar posse nos Açores p.r procuração, e depois aposentar-se. Cita a m.ma concessão feita a um falecido Prazeres Soares. Este Prazeres morreu doudo; o Andr.e está perto d'isso. A justiça folgaria com a aposentadoria de ambos.

Se isto for custoso ou inexequivel não te incommodes, nem queiras que o Sr. Barjona me chame importuno.

Ad.s meu filho.

Teu do c.

C. Cast. Br.º

4.ª fr.ª

LXXIII

MEU QUERIDO T. RIBEIRO.

Não sei se posso dar-te parabens pelo restabelecimt.º de teu filho. Parece-me que a imprensa já teria dado a noticia, se fosse má.

Venho pedir-te com urgencia o favor de pedires ao Sr. ministro da justiça o segt.e. O juiz de Direito de S. Thyrso, J.e M.ª de Andr.e, é o primeiro a passar p.ª a relação dos Açores; mas elle não pode ir, por que está mt.º doente, e pede o q̃ varias vezes se pede ao snr. ministro — q̃ promôva o 2.º. Ora, da-se o caso do 2.º ter um tão forte desejo de ir,

que ja tentou validar no supremo tribunal o seu direito de primasia pelo facto de ter sido despachado 5 dias antes, sem com isso derogar a antiguid.e do outro. Entendes bem o que eu encarecidamente te pesso e não te descuides por que o despacho pode apparecer mt.º breve. O pobre valetudinario tem a certeza de não poder fazer uma viagem.

Quando poderes dize-me que ainda d'esta vez me não faltou a tua dedicação.

Teu mt.º da alma

Camillo Cast.º Br.ª

4-3-86.

LXXIV

(Confidencial)

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Estou no Porto em tratamento dos olhos e por isso não posso escrever-te. E' Anna Placido quem te escreve, e por tanto entra na confidencia.

Tu devias ter promovido que se desse alguma coisa fantastica áquelle edictor Eduardo da Costa Santos, que apresentaste a El-rei. Este homem que era fanatico pela monarchia e que tem grande influencia sobre os bombeiros de que é commandante — e portanto trunfo eleitoral — vim encontral-o muito offendido por multiplicadas injustiças que o seu partido, o regenerador, lhe tem feito a proposito de coisas lá da bomba. Alem d'isso encontro-o com tendencias a republicanar-se e mais a sua *troupe*. Parece-me, ou tenho a certeza que o meio mais prompto de o repôr no seu antigo pé politico, é conseguires que se lhe dê o habito de S. Thiago, coisa que facilmente tem conseguido outros sem algum merecimt.º, nem manifestação publica de affecto ao Rei como elle manifestou quando os republicanos projectaram fazer troça á entrada d'El rei no Porto. Espero que dentro de qua-

tro a cinco dias terás de qualquer modo feito saber a mim para eu lh'o communicar a elle, que sua magestade lhe dá o habito de S. Thiago.

Diz-me agora o meu secretario, que o Barjona não fazendo caso do teu pedido mandou o pobre Juiz de St.º Thirso para os Açores. Cortaram-lhe a carreira por que o homem está muito doente e decerto não vai. Se foi a lei que obrigou o ministro, *dura lex.*

Adeus.

Teu do coração

C. Cast.º Br.co

LXXV

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Continuo impossibilitado de escrever.

Documentaste excessivam.te a tua probidade. Não era preciso tanto nem coisa alguma. Bastava dizeres que a não promoção do juiz era illegal. Conservo as duas cartas para mostrar ao teu ex collega Soares Ferreira, medico de St.º Tirso que foi quem me pediu e me disse ha pouco que o tal juiz estava a endoidecer. Em tal caso a carreira do homem de qualquer dos modos estava cortada.

Abraça-te mt.º agradecido o teu impertinente amigo.

P. S.

Não se esqueça da sua velha amiga.

Camillo Castello Branco.

LXXVI

MEU QUERIDO AMIGO.

Eu e meu filho mt.º gratos á consideração que nos deste. Mais uma vez me disseste que conseguirias dar-se á chapellaria Victor & Cout.º do Porto (a universal) as armas de fornecedora da casa real. Veio elle aqui hoje pedir-me que solicitasse essa graça. Se não é mt.º custoso, faze-me esse favor. A m.ª critica ao livro de S. M. desagradou p.r emq.to somt.e ao O. Martins, da *Provincia*. Não sei o q̃ elle disse, nem me souberam dizer bem o q̃ é. Se a questão for litteraria, acceito o debate satisfatoriamente. Vou p.ª o Bom Jesus fazer comp.ª ao nosso Peito de Carvalho que em carta do dia 3 me diz ir para lá doente. Pobre e querido amigo, se tem o q̃ um medico me disse, e elle chama *asthma!* Vou ver se o posso trazer p.ª Seide. Os ares d'aqui são menos asperos q̃ os da serra. Reapparecem-me todos os padecimt.os do anno passado por esta fatal epoca. A primavera para mim é toda de mancenilhas.

Do teu mt.º grato
e mt.º amigo

Camillo.

5/4/86

LXXVII

MEU QUERIDO AMIGO.

Receberias uma carta em que te pedi licença para a Chapellaria universal de Victor & Cout.º poder pôr armas no estabelecimt.º? Sei q̃ algumas cartas m.as são descaminhadas e receio que a tal em q̃ eu tinha empenho se perdesse. Dá

expediente a isto, se poderes. Estive com o Peito no Bom Jesus. Não o achei mal. Esperava-o aqui amanhan; mas com este pessimo tempo vou dizer-lhe q̃ não venha. Seide, qd.º chove, é detestavel.

A «Provincia» achou-me obscurantista na maneira de avaliar o *Fausto* de Goethe; mas qt.º á versão de el-rei elogiou-a e deu-me razão. Antes assim. Eu, realmt.e desconfio da m.a capacid.e intellectual qd.º duvido e destôo dos panegyristas de Goethe. Samardan no caso.

Affectos de Anna Placido.

Não nos esqueças que te somos tão gratos qt.º amigos.

Teu do c.

Camillo.

LXXVIII

MEU AM.º

Desconfiando que as m.as cartas não te chegam á mão, registo esta.

Pedi-te em uma que solicitasses d'ElRei o perdão de uma preza. Recebeste-a? Em duas, pedia-te que obtivesses as armas p.a os chapelleiros do Porto que enviaram o chapeo ao Sr. D. Luiz. Recebeste-as?

Teu do c.

Camillo.

LXXIX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

A preza foi indultada e solta. O dever d'ella era ir beijar-te os pés, e o meu era ir beijar a mão de ElRei. Mas eu estou peor do que ella estava, por q̃ mal posso mover-me n'este carcere de q̃ espero o indulto da morte. Ha dias que se me figura tudo isto acabado. Meu filho Jorge está sof-

frendo mt.º — umas agonias q̃ elle diz serem mortaes. O infeliz q̃ tracta mal a pobre mãe, qd.º se vê mais afflicto, chama por ella, e pede-lhe que lhe apalpe o suor frio da testa. Com que prazer heide eu sentir tambem o meu suor frio!...

Escrevi-te p.ª Lisboa sobre um negocio de livros. A boas horas!

Quando fallares com S. Magestade dize-lhe que eu adoro a sua benevolencia para comigo. Adeus, meu bom Thomaz Ribeiro.

Teu

27/4/86 *Camillo.*

LXXX

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Eu sentia aquecer-se-me o pudor litterario quando em obras estrangeiras lia citaçoens mt.º encomiasticas da *Histoire du dix-neuvième siècle* de Gervinus, e não conhecia Gervinus nem quem o tivesse no Porto. Como o não encontrasse nos livreiros portuguezes, encommendei-o p.ª Pariz. Decorreram seis mezes sem a obra chegar. Desconfiei que o livreiro se esquecesse, e encarreguei da encommenda outro livreiro de Lx.ª. N'isto recebo dous exemplares! e, consultando a m.ª consciencia e indiscrição, entendo que me era obrigatorio pagal-os ambos. Um d'elles, 23 vol. 8º gr. ricamt.e encadernado, como verás da nota inclusa, custou-me 37$950 rs. Haverá ahi algum estudioso que o não tenha e queira comprar? Ou as bibliothecas dos ministerios quereriam trocar por esta obra algumas d'essas que la tem impressas á sua custa?

Sem figurares, como não te convem, directamt.e, poderias por outra pessoa obter a troca, a não haver quem queira 37$950 rs. de sciencia historica.

Tenho recebido as tuas cartas.

Teu do c.

Camillo.

LXXXI

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Provavelmt.e estás em Lisboa.

Enviei, segundo a tua indicação, immediatamt.e o *Gervinus*, haverá 15 dias.

O destinatario não accusou a recepção; mas isso nada faz ao caso. N'esta conjunctura festival, toda a gente é Pretor, e coisas da especie da m.a são todas minimas. Por aqui vou arrastando este frangalho da vida.

Enviei-te o VI tomo dos *Seroens* p.a Parada de Gonta. Puz ponto em lettras. Fallencia completa.

Tambem te pedi que agradecesses por mim tambem a S. Magestade o perdão da preza.

Teu mt.o grato

Camillo.

LXXXII

MEU AMIGO MT.o QUERIDO.

O sr. Celestino talvez te dissesse o contheudo da m.a ultima carta. Eu antes queria livros que dinheiro — livros que provavelmt.e estão a apodrecer nas cryptas dos ministerios.

Vou retirar-me d'aqui; mas não sei p.a onde. Estou soffrendo mt.o de tudo, sem excepção dos olhos. Está tudo isto n'um descalabro a q̃ a sciencia chama cachexia senil. Custa-me m.to sahir sosinho de caza. D. Anna p.r causa do meu Jorge não pode acompanhar-me, e eu não tenho mais ninguem

O Jorge tem agora a terrivel vesania chamada dypsomania — uma sede insaciavel de vinho, e não quer comer. Depois

a embriaguez sobre a demencia é horrorosa. Aqui tens a vida, e em mim a exemplar coragem de a conservar.

Deseja-te mil venturas o teu

Camillo.

LXXXIII

MEU QUERIDO AMIGO.

O chapelleiro pede de novo a coisa. Diz-me q̃ te escrevêra; mas não obtivera resposta. Parece, pois, ser difficil a concessão. Talvez contra-mina aberta por um rival no officio e nas armas.

Do ministerio do reino nada me deram em troca do «Gervinus». Pouco importa, por q̃ eu ja não posso ler. D'aqui a cego e morto vai pouco.

Deseja-te mil venturas o teu velho

Camillo.

LXXXIV

MEU QUERIDO AM.º

O Jorge está furioso. Espanca os criados e os transeuntes. Vou tiral-o d'aqui, fazêl-o esquecer as pessoas que odeia. Vou para a Povoa de Varzim 4.ª fr.ª Dizem-me que o encerre em um hospital. Não posso, ainda que eu venha a ser a victima de um dos seus accessos. Isto é q̃ é desgraça sem valvula de respiração. Felizmt.e appareceu-me hoje o Nuno q̃ eu não via ha 7 mezes. Foi um soccorro do ceo nesta afflicção de dous velhos, sem m.s ninguem.

Teu do c.

C. Cast.º Br.co

3.ª fr.ª

LXXXV

MEU QUERIDO T. RIBR.ª

Tenho saudades das tuas cartas. Figura-se-me que nos separam as fronteiras da eternidade.

Sabes que o meu Jorge está no hospital dos alienados ? Foi indispensavel a reclusão por evitar-lhe os impetos de furia. Chegou a bater na mãe.

O primeiro mez, no hospital, dava esperanças, não de cura, mas de reducção a um estado pacifico. Depois tornaram as agitaçoens, e as esperanças lá vão. Considero-o morto, perdido p.ª a fam.ª, q̃ importa o mesmo. Quando parecia socegado, e o Dr. Senna me dizia que era possivel regressar a caza, mandei lá o Nuno como pedra de toque p.ª avaliar o estado mental d'elle a respt.º da fam.ª. Assim q̃ o viu enfureceu-se. Não ha nada a esperar. D'ali a passagem para a demencia é a derivação logica da doença. Imagina, pois, a tristeza d'esta caza, e a deploravel velhice dos pais d'aquelle infeliz, menos infeliz do q̃ nós!

A m.ª anemia progride. Já me não sustento em pé, e escrevo-te com mt.ª difficuldade á luz de 14 castiçaes.

Abraça-te o velho am.º

Camillo.

LXXXVI

MEU CARO T. RIBEIRO.

O padecimt.º dos olhos não te deve incutir receio de cegueira. Isso é tudo funccional, como dizem os peritos. Não ha lezoens. Tenho soffrido essas perversoens nervosas dezenas de vezes. Agora já não me afligem. Tens alguma confiança na dosimetria do Burgraeve ?

Parece-me que se tomares cicutina, dois granulos de manhan e dous ao deitar, fazes desapparecer a diplopia.

Ha mt.ª gente que vê os objectos duplicados logo q̃ se demore a fital-os. Isso depende da fraqueza de um musculo que, relaxando-se, faz o estrabismo momentaneo. As scintillaçoens de q̃ te queixas não assustam nada quando se continuam a ver os objectos nitidam.te ao longe. Toma a cicuta Faz-te um pouco Socrates em Carnaxide.

Queria escrever-te mt.o mas não posso. Ao perto custa-me a distinguir os objectos, e nenhuns vidros me auxiliam. E' a cegueira senil.

Lembra-me á tua familia com mt.ª gratidão.

Anna Placido está mt.o anemica, e não vai longe. O Jorge, escrevendo ao Nuno antes de hontem dizia-lhe q̃ «a sua unica esperança era evadir-se do carcere».

Meu pobre filho!

Teu do c.

Camillo.

LXXXVII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Encarreguei o chapelleiro de enviar-te a nota da pretensão. Ja a deves ter recebido. Perdoa-me a p.te que tenho nessa impertinencia. Caros nos ficaram os chapeos do nosso nome. Não ha liberalid.es que não levem agua... no chapeo. Ha tempos recebi a tal carta, que abriste, do Sr. Celestino. Disia que te entregava os 38$ rs. do Gervinus.

Eu não tenciono fallar mais em tal coisa, e bem me pésa de te haver occupado. Ja estive para destinar a um azilo os taes dinheiros; mas receei melindrar alg.m Por aqui, meu Thomaz Ribeiro, as libras não se medem ás razas; mas quando

são tão poucas não se lhes sente a falta. Parece-me q̃ o governo está em circumstancias mais apuradas.

Deus o remedeie.

M.tos affectos desta tua gente mt.º am.ª tua

Teu

C. Cast.º Br.co

LXXXVIII

MEU PREZADO THOMAZ RIBEIRO.

A Relação do Porto decidiu favoravelmt.e a questão injuriosa que uns livreiros francezes poseram ao meu editor e amigo Eduardo da Costa Santos. Não obstante, *a Bohemia do espirito* ficou embargada, por que os livreiros recorreram p.ª o Supremo Tribunal. Sabes, meu am.º, quanto são morosas as decisoens n'aquella instancia, e tambem ás vezes incertas as interpretaçoens da lei. Não é crivel que o legalissimo accordão da Relação seja contraditado pelo S. Tribunal; mas a Justiça, como é cega, dá ás vezes quedas desgraçadas. Suppondo que não devemos recear a confirmação, quero dizer a concessão da revista, o q̃ ha mt.º a temer é as delongas na decisão. E' para este caso que eu peço encarecidamente a tua protecção ao meu editor e a mim. Elle te dirá quem são os juizes a quem o processo foi distribuido, e tu darás mais uma prova da tua sempre generosa dedicação para o teu

Camillo Castello Br.co

29/12/86

LXXXIX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO

Dia de reis, 10 da noute

Esteve agora ali fora a *Custodia* a cantar-me os Reis.

Ahi vai uma quadra que me ficou:

Viva o nobre visconde
Que inventou a leitura;
Nem no ha no mundo egual
Que lhe chegue á sua altura.

Somos 2, segundo Custodia. Cadmo que inventou o alphabeto, e eu que inventei a leitura. Fenicia e S. Miguel de Seide.

Mandei-lhe dar dez tostoens — direitos de inventor da leitura. Perguntou ao creado se havia noticias tuas; e, logo q̃. chegasses, q̃ a mandassem chamar. Parece q̃ tenciona passar-te alvará de inventor da poesia. Apressa-te em q.to ella tem aberto o cofre das graças, que não vá outro apanhar-lhe o diploma.

Teu do coração

Camillo.

XC

MEU QUERIDO T. RIBEIRO.

Os versos que te remetto estão mt.º aleijados? Se estão, não ha orthopedia, nem a tua, que os endireite. Se por uma casualidad.e estivessem escorreitos, dava-t'os p.a o teu jornal, se é que tens um jornal, mas só podem ser publicados sem assignatura, por q̃ na m.a idade, essas tristezas fazem rir os homens, e talvez chorar os anjos.

Adeus meu adorado am.º

Teu do c.

Camillo.

T. C.
10/1/87

XCI

MEU QUERIDO THOMAZ R.

Desaleijaste alguns dos mancos. Deus te conserve illeso em todas as tuas metrificaçoens tanto corporaes como espirituaes. Amen. O teu prefacio faz lembrar o penacho do gigante Goliath sobre a cabeça de um pigmeu. Bem hajas.

Se souberes que o S. Tribunal decidiu a questão de propried.e litteraria a favor do meu editor, envia-me um telegr. A causa já está na mão do ultimo juiz. Esta rapidez tão pouco vulgar indica-me que a promoveste tu. M.to agradecido.

Teu

C. Cast.o Br.co

XCII

MEU QUERIDO AMIGO.

Dize-me como estás. Não sei o q̃ é feito de ti ha mt.o tempo. Nem a Politica me dá noticias tuas! Eu, filho, estou quase cego. 40 annos de trabalho sem repouso. Ao menos, estou rico.

Anna Placido nunca te esquece.

Teu do coração

Camillo.

XCIII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

O publicista da «Alvorada» não pediu a ninguem collaboração para o meu ditoso natalicio. Annunciou que aceitaria

com prazer o q̃ lhe enviassem. Ora tu não viste annuncio tal. No tal dia funesto dos 61 senti a falta do teu cartão ou telegr.; mas senti logo o prazer da vingança, ante-gostando a tua magua quando te accusasses de esquecim.to. O que eu queria, qd.o te escrevi, era saber q̃ não estavas doente. Por estes 3 dias, vou para a Povoa de Varzim, e vou quase cego.

Por em qt.o é ambliopia; d'aqui a pouco será amaurose. Depois, é inevitavel o suicidio.

Alegrou-me o desenlace da pendencia do José C. Branco. Foi mais feliz do q̃ eu. A primeira vez q̃ me bati á espada com o agigantado Ricardo Browne fiquei ferido em uma perna. Depois do duello, vi que ainda me ficavam 3 pernas illesas. Meus saudosos 26 annos!...

Adeus, meu filho.

Teu

Camillo C. Br.co

T. C.
18/Maio/87

XCIV

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

As eleiçoens de deputado, pelo q̃ resp.ta ao concelho de Fam.am, são seguras para o snr. Lopo Vaz. O Nuno ligou-se ao V. Pindella e está inteiram.te emancipado dos meus conselhos. A influencia q̃ elle exerce não vai alem de 30 votos. Sei que elle está captivo dos progressistas por que lhe livraram ou promettem livrar 2 recrutas. A politica nas aldeias é isto. Aqui o maior açabarcador de votos é um abbade q̃ tu despachaste.

Este que vale 300 eleitores, tem sido sempre fiel ao teu nome. Eu, pela m.a p.te, nada valho. A doença tornou-me tão obscuro e invisivel q̃ ninguem aqui me conhece. Anna Placido

vale m.^{s} que eu; persuado-me, porém, que o filho lhe tira os votos q̃ ella poderia obter.

Escrevo-te quase cego.

Teu do c.

C. Cast. Br.^{o}

XCV

QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Escrevo-te na vespera de sahir p.^{a} Lx.^{a}. Devo ahi estar com D. Anna e Nuno quarta feira de manhan, Hotel Matta, no Calhariz.

Ainda se não fez a tolice matrimonial. O nosso pudor de velhos impediu-nos de ir ante as aras. Queriamos um casamt.^{o} sem test.^{as}. Parece que os canones se revoltam.

Até lá.

Teu

Camillo.

XCVI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Dize á Ex.^{ma} Senhora D. Carlota que não se dê ao incomodo de procurar casa que seria o menos importante dos muitos incomodos que essa casa devia trazer-lhe.

Creio que D. Anna na carta que hontem te escreveu pintava satisfatoriamente o inexprimivel estado doentio da minha alma.

Eu sofro aqui muito; porem fora daqui augmenta a gravidade do meu mal, e já não posso enganar-me. Entretanto resolvemos ir a Lisboa, e procurar as possiveis commodidades n'um hotel por qualquer preço que sejam. Se o D.^{or} Al-

meida quizer que eu ahi continue o tratamento, serei docil quanto devo sel-o. A bulha dos hoteis não me incomoda porque estou surdo, e as bellezas architectonicas do edificio não me fazem falta porque estou cego. Por consequencia, estou aparelhado para tudo.

A tua ultima carta veio confirmar a medida que eu formava da grandeza do teu coração e dessa adoravel senhora a quem pude sugerir sentimentos de caridade.

Quanto ao tratamento, dize ao sr. D.^{or} Almeida que eu já tenho 12 fricções; mas a respeito de banhos somente dois. O frio que aqui faz explica esta minha hydrophobia.

Teu do coração

Camillo.

Seide
29/1/88

XCVII

MEU QUERIDO THOMAZ RIB.

Eu estava á tua espera no Porto quando hontem soube que D. Anna tinha adoecido. Vim a Seide e encontrei-a mal. Decerto não se restabelece para te recebermos com a alegria que anteviamos no dia de teus annos. Não venhas, pois, meu querido amigo, e tem m.^{ta} compaixão do teu

C. Castello Br.º

XCVIII

MEU THOMAZ R.

Anna Placido sente algumas melhoras. Penso em ir p.^{a} Vizella. Quiz hontem felicitar-te, porem o telegrapho só funccionou dep.^{s} das 4 horas em Fam.^{am}

Abraça-te o teu

Cam.º

XCIX

MEU AMIGO.

Não ha luctar contra a fatalidade. Não podes vir, não venhas. Faço-te justiça. O medico tinha-me dito que em 20 ou 30 dias de tratamento eu teria grandes melhoras vivendo com a felicidade e serenidade que a tua companhia me dava. Disse-me q̃ fosse comtigo p.ª a Feitoria onde elle iria trez vezes por semana; e como a Senhora D. Carlota me dissesse que eu, m.ª mulher e os meus creados podiamos viver em uma cazinha interiormente separada da tua, alegra-me a esperança de ir ali realizar o prognostico do medico. Emfim, paciencia e conformidade com a natureza das coisas.

O teu livro foi vendido aos successores do Chardron por 300 mil reis. Enviaram logo metade do preço q̃ eu aqui tenho em ordem de pagamt.º p.ª ti. A outra quantia deve vir com a ultima prova. O livro hade estar impresso dentro de trinta dias. A primeira prova talvez ja venha pelo caminho. Com ella deves mandar o titulo que ainda não deste; e o volume hade ter necessariamt.e 300 pag. no formato do D. Jaime.

Os livreiros disseram que o manuscripto enviado daria apenas cem paginas. Quem tratou este negocio foi o Freitas Fortuna com o maior zelo possivel, e com authorisação minha. Se te ahi demorares, escreve a João Antonio de Freitas Fortuna, Ramada Alta p.ª q̃ te mande as provas.

Quando á ordem dos 150$000 dize se a deixo estar ou queres que t'a envie.

Estimo que te restabelleças depressa e nos dês a alegria da tua vinda. Quanto ao meu estado bastam os telegrammas enfadonhos e aflictissimos p.ª que o conheças.

Sê feliz e adeus.

Teu mt.º grato

Camillo.

C

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Aqui esteve quatro horas o Dr. Gama Pinto, uma cara inteligentissima revelando um excellente coração. Conheceu rapidamente o meu deploravel estado e fez-me um bom discurso para me dar a paciencia e a resignação com a cegueira. Depois submetteu-me a varios exames para se convencer e me convencer que a minha cegueira resultava d'um exgotamento nervoso, a que elle não quiz dar o nome de anemia. Condoido da perturbação em que me viu, porque a sua sentença para mim não tinha appelação nem aggravo, não me propoz, mas acceitou o alvitre de eu ir para Lisboa fazer um tractamento. Ora o tractamento projectado, consistindo na dieta, é o mesmo que eu fiz inutilmente 6 mezes.

Não obstante, resolvi ir para Lisboa, terra que abomino e que na presente estação me seria insupportavel. Não posso porem ir porque me sinto a tal ponto debilitado que não poderia fazer a jornada sem grandes angustias; alem disso minha mulher está soffendo muito e não poderia accompanhar-me n'esta via dolorosa. Estão pois perdidas as esperanças que eu tinha no grande medico cuja sciencia não pode vencer impossiveis. Considero-me perdido, e elle tambem no fundo da sua consciencia e experiencia me deve assim considerar. São impagaveis os favores que te devo a ti, ao Senhor D. Luiz e a elle; pouco tempo terei de vida para poder esquecel-os, e poucos infelizes terá havido a quem tantas mãos bemfazejas se estendessem; mas a fatalidade é tão forte que nem a tua grande amizade nem a sciencia do illustre medico nem o braço Real poderão jamais vencer. Como não posso tolerar a vida aqui em Seide onde trabalhei 24 annos vou sahir d'aqui para a Povoa onde tenciono seguir á risca as prescrições do Dr. Gama respectivamente á dieta. Nada espero; mas o meu dever é

accreditar que n'essas prescrições não havia somente o intuito de sustentar-me a vida amparada na esperança. Segundo o calculo do notavel professor poderei perder a vista completamente ao cabo de 8 mezes.

Se calculo não falha consola-me dizer-te que a minha vida não terá tão longo prazo, e Deus permitta que eu me não engane.

Alguns jornaes de Lisboa annunciaram a tua sahida para o Porto, na noite em que o medico sahia para aqui.

Se cá não vieste para te não affligires fizeste bem porque vinhas assistir a um espectaculo doloroso.

Não imaginas como cahiram todos os meus castellos no ar quando o medico em vez de combater a minha cegueira tratou de me armar de paciencia para toleral-a.

Fez-se na minha alma uma noite escura que nunca mais terá aurora. E é neste estado singularmente infeliz que dicto esta carta pedindo-te que faças saber a Sua Magestade a minha gratidão para a qual eu não tenho expressões senão as que eu poderia manifestar dobrando os joelhos deante d'El-Rei. Ao Snr. Dr. Gama Pinto dirás que eu fiquei comprehendendo a profundidade da sua magua por não poder acudir-me. Lembra-me saudoso á Ex.ma Snr.a D. Carlota e aos teus filhos e não esqueças de me lembrar ao João de Gonta.

Teu do coração

Camillo Castello Br.co

S. M. de Seide
5/7/88

CI

MEU QUERIDO AM.o

Recebes hoje uma carta q̃ ditei a Ant.o Vaz de Napoles. Eu tive pejo de te dizer que as m.as posses não me permittem ir fazer tratamt.o em Lx.a com as commodid.es q̃. requer a enfermidade. O q̃ temos é pouco para segurar p.r m.o

morte a subsistencia do Jorge n'um hospital. Alem d'isso iria sacrificar tudo sem resultado, p.r q̃ o Dr. Gama me considera perdido talvez. E' o que elle te diria, e me não disse a mim p.r compaixão. Estou cego. Ad.s meu Thomaz.

Teu

Cam.o

CII

MEU THOMAZ RIBEIRO.

As cartas q̃ vão juntas foram escriptas hontem com o proposito de partir hoje p.a ahi; mas a noite q̃ passei foi tão cruel com um pruido herpeteco nas costas e nos braços, acompanhado de cephalalgia, q̃ não posso mover-me. Tive, pois, tempo de pensar na inutilid.e da jornada, e tambem na inutilid.e de vir aqui ver-me algum medico. Pela carta q̃ te envio p.a o Sr. Dr. Bossa verás que a m.a doença está fatal e irremediavelmt.e definida. A pêrda de vista é a perda geral das forças, lesoens nervosas incuraveis, q̃ começaram ha mais de 20 annos e estão no ultimo periodo de esphacellamento. Por tanto, meu filho, não me esperes, nem queiras tornar a ver-me, assim como eu desejo não ver mais pessoas que amei. O que eu pediria a Deus, se elle existisse, era que me deixasse accabar sem a antecipacão das trevas, eternas n'esta vida.

Adeus.

Teu mais que am.o

Camillo.

CIII

MEU PRESADO THOMAZ RIBEIRO.

Eu e minha mulher chegamos a Lisboa quinta feira pela meia noite. Depois da m.a chegada indagarei onde moras para

Anna Placido ir abraçar a Ex.ma Sr.a D. Carlota e tuas filhas como deseja; e pedir-te que vás ver-me, provavelmt.e no meu leito de dôr. Por emquanto não sei dizer-te onde me hospedarei.

Teu do coração

Camillo.

CIV

MEU PRESADO THOMAZ RIB.º

Quando receberes esta carta estarei em Lx.a no hotel Francfort. Considero me morto, mas vou. Não vamos p.a tua caza p.r que não a quero constituir em ante-camara da sepultura. Beijo-te o coração pelas tuas sanctas bondades e rara compaixão. Peço-te a fineza de entregares a carta ao Sr. Dr. Bossa.

Até lá.

Teu

Camillo

CV

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Ao 3º dia de Lx.a cuidei que endoidecia. No dia em que me procuraste duas vezes não sahi de caza. Estive sempre atormentado por uns sujeitos que o porteiro da estalagem me mettia no quarto, ao passo q̃ a ti e a outros amigos q̃ eu tanto desejava ver *pela ultima vez*, dizia q̃ eu estava fora, Quando tencionavamos ir a tu casa senti me tão doente que ás 2 da manhan deliberavamos sahir. Aqui tens, meu f.º Eu tencionava dar-te um bocadinho de ferro q̃ trouxe 30 annos sobre o peito. Ahi t'o mando. Lega-o a um dos teus filhos em q̃ conheceres coração com m.s sentimt.º para a saudade das coisas e dos nomes extinctos.

Pouco posso ter de vista e de vida. Nem me deram tempo a ouvir a sentença de um especialista. Talvez fosse melhor.

Não posso mais nem vejo o q̃ te escrevo.

Teu do c.

C. Cast. Br.co

5.ª fr.ª

CVI

MEU QUERIDO AMIGO.

Cada dia, peor. A agudeza da vista central q̃ ainda tinha em Lisboa desappareceu. Suspendi tudo q̃ era remedio. Indoudeço p.r que vou cegar inteiramt.e.

Ad.s meu bom T. R.

Dia de festa!

Teu do c.

C. C. B.

CVII

MEU QUERIDO AMº.

Fallas-me em escrever um romance quando ja não tenho vista p.a escrever uma carta!

Quem sabe se esta é a ultima carta que recebes do teu

Camillo C. Br.co

Sabbado

CVIII

MEU QUERIDO T. RIBEIRO.

E' tarde, meu am.º; mas vem sempre a tempo estes carinhos sanctissimos da tua amizade. Estou sem olhos, sem per-

nas, sem cerebro. Isto vae n'um desapoderado galope, e tomára eu que o colera começasse p.r esta casa, visto que é uma Morte benigna q̃ dispensa grandes agonias.

Beijo os teus filhos, e aperto a mão da ditosa mãe de dois.

Teu

Camillo.

CIX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

A minha fatal doença reduziu-me ao silencio dos desgraçados que já se envergonham de queixar-se. Estou n'um tratamt.° sem esperanças, mas submetto-me para que me não fique o pezar de me ter abandonado á perspectiva da completa cegueira.

Fallemos dos vivos. Ahi vai meu filho para duas missoens de que depende o seu futuro, e o da mãe e o do Jorge, e talvez o derradeiro amparo dos meus ultimos dias. O Nuno leva uma carta minha para El-rei. Decerto preciza que tu o apresentes e o salves da perturbação que lhe deve causar um encontro desta especie. Tu verás a carta e ajudarás os meus rogos com os teus afim de que os meus olhos se não fechem de todo sem que eu veja o meu filho na posição de protejer esta pobre familia cahida n'uma dependencia a que nunca chegaria se eu não perdesse os olhos. Já vês pois, meu caro Thomaz Ribeiro que o primeiro passo a dar é obter a portaria para que o Nuno possa fazer desde já exame elementar e de instrucção primaria em qualquer Lyceu. Depois, é mais que tudo preciso que elle seja despachado para o logar de recebedor que vae ser creado em Lisboa; e para isso requer-se influencia tão valiosa que eu só vejo na vontade de S. Magestade a possibilidade de se obter do ministro tão dificil despacho.

Se isto que eu te estou pedindo é uma allucinação do meu pobre espirito atormentado corrige tu com os teus conselhos este desvario; mas eu creio que tu farás quanto possas por salvar a minha familia cooperando para que o Nuno seja despachado. Não sei como vae esta carta. Tenho passado noites desgraçadissimas e só me sinto viver pela dor, pela desesperação e pela vontade de morrer.

Abraço-te e adeus.

Teu

Camillo.

CX

MEU QUERIDO T. RIBR.º

O bilhete era meu. Por falta de vista não reparei que o cartão era de m.ª mulher.

Se a pensão é vergonhosa, não a peças nem lembres, meu am.º Logo q̃ de todo cegue, suicido-me. Lembrava-me de q̃ p.r m.ª morte a pensão seria continuada á m.ª familia. Anna Placido viverá pouco; mas ficaria o meu infeliz Jorge. Qt.º ao Nuno, esse é relativamt.e abastado. Com algum juizo tem de sobra com que viva honesta e decentem.te Imaginava em q̃ não seria aviltante o amparo q̃ me desse o meu paiz. A desgraça dá uns prismas que os felizes repulsam. Tambem eu, se ha 10 annos me vaticinassem este conflicto da doença incuravel com a pobreza, eu atiraria comigo a um abysmo p.ª me salvar do opprobrio. A doença quebrou-me os brios, anniquilou-me. Não me reconheço.

Beija-te as mãos o teu mais grato am.º

Camillo.

P. S.

No emtanto, pede a El-Rei que me proteja. Se S. Magestade manifestar um affecto compadecido por um homem que

se gastou nas lides que ElRei conhece, sem lhes conhecer o travo infernal, eu creio que haverá p.ª mim umas migalhas que sobejam na meza dos q̃ souberam orientar-se. Peço-te mais q̃ tudo algumas palavras de alento, porque não as peço a m.s ninguem nem tenho quem m'as dê, meu bom am.º

Ad.s.

CXI

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Como a pensão de meu filho tem de ser votada na camara alta, venho pedir-te o favor de propor a emenda relativa a emolumentos e direitos de mercê.

Como verás da carta inclusa, o governo resolvera isentar-me d'esse pezadissimo onus; mas na redacção do decreto não vejo mencionada essa importantissima isenção. Creio que está ao arbitrio da camara alta propor a emenda, que a outra camara decerto não regeitará.

Confiadissimo na tua dedicação não me cohibo de a solicitar mais uma vez.

Continuo a padecer como era natural. As m.mas angustias e as mesmas esperanças.

Recommenda-nos á Senhora D. Carlota e crê na profunda gratidão do teu

Camillo.

CXII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Se não achares inconveniente a carta que te envio remette-a ao teu desgraçado cliente. Sabes tu uma coisa? Eu sou capaz de apostar que o salvas. Se o salvares, dás-me um bom quinhão na tua gloria e na tua alegria.

Estou cada vez peior. Tenho trez fricçoens, não ha tempo

ainda de lhes conhecer a vantagem; mas desconfio que ao chegar á decima segunda, já não terei vista. O olho esquerdo está quasi perdido.

Abraça-te o teu do coração

Camillo.

CXIII

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO

Se podes acudir-me nesta m.ª agonia de Domingo, sem sacrificio da tua saude, acode-me. Eu estou na maior angustia.

Teu

Camillo.

CXIV

THOMAZ RIBEIRO, MEU BEMFEITOR.

Ainda não ceguei de todo; mas estou perdido, se me não acodes. Vem aqui com o doutor Almeida, e leva-me seja para onde for, meu am.º. Tens defendido tantos desgraçados. Defende-me da cegueira, se o milagre se pode fazer.

Estive 8 dias na caza de Saude, e fugi quando me vi em trevas. Dá ao meu infortunio o ultimo socorro.

Escrevo-te para que D. Anna não saiba com q̃ angustia o faço.

Acode-me. Ao menos q̃ venha o doutor Almeida ver o meu estado.

Teu

Camillo.

CXV

MEU THOMAZ.

Estou a cegar. Perdido! Vou fugir d'aqui p.ª me não matar debaixo dos teus olhos e do teu amor.

Teu

Cam.º

CXVI

MEU QUERIDO T. RIBR.º

Muito, muito, muito obrigado. Abriste as portas da vida a um homem que te pode ser grato, e uma honra das lettras. Escrevo-te commovido. Eu choro quando concorro p.ª a felicid.ª de alguem. A m.ª já não me importa.

Teu

Camillo.

CXVII

MEU QUERIDO AMIGO.

Muito obrigado. Lembrei-te, lembraste o teu pobre Camillo, no meio das tuas alegrias de fam.ª Aqui estou muito triste, mt.º doente, e muito certo de q̃ Deus me dispensará depressa.

Esteve aqui hontem o Guilhermino de Barros a ler-me soberbos versos do livro «Cantos do fim do seculo».

Eu estava a tremer de frio e dores na cama. Cheguei a aquecer, e a esquecer as nevralgias. As poesias panegyricas

de M.el Passos e de Garrett são dois monumentos. Eu não imaginava o Guilhermino capaz de tanto. Que rijo cerebro aos 55 annos!

Affectos meus mt.° cordeaes á tua familia.

Teu

Camillo.

CXVIII

MEU PREZADO AMIGO.

Tive noticias dos teus encommodos pela Senhora D. Carlota e pelos jornaes.

Felizmente creio que se dissiparam.

Eu estou na cama em trevas cerradas e cortado de dores.

Se houvesse Deus eu ja devia ter morrido pelo muito que lhe peço a morte.

Não contribuo para o jornal contra a Inglaterra, por que não sou inimigo dos inglezes. Encontro-os com os primeiros Affonsos a conquistar o Sul de Portugal; achei-os em Aljubarrota defendendo os falsos direitos do Mestre d'Avis contra D. João de Castella; encontrei-os em frente de Lisboa deffendendo os direitos do rei portuguez D. Antonio contra Filippe 2.°. No terramoto de 1755, Inglaterra remetteu á desolada Lisboa uma frota com donativos superiores a quinhentos mil cruzados. Acho os inglezes ligados a Portugal contra Napoleão e empenhados em restituirem D. João 6.° ao trono. Encontro ainda, nos nossos dias, os inglezes por mar e por terra batendo as forças do usurpador D. Miguel. Estes factos não me irritam patrioticam.te contra Inglaterra.

Quanto aos makololos, sabes de mais que no fim do reinado de D. João 3.° eram já perdidas as linhas hydrographicas da Africa. Depois Alcacer-Kibir nem portuguezes nem hespanhoes pensaram mais nos cafres. Depois de 1640 nunca lá se mandou missionarios, nem protecção nem educação. Tudo

aquillo prescreveu como se a vaga de dois seculos lambesse os areaes onde foram escriptos os direitos de Portugal.

Basta, que a minha amanuense deve estar fatigada.

Em harmonia com um pedido feito por minha mulher á Senhora D. Carlota, peço-te a fineza de me enviares o trimestre da pensão logo que o teu Ex.^{mo} compadre o tenha recebido com a tua assignatura a meu rogo.

Do teu

Camillo.

CXIX

MEU QUERIDO THOMAZ RIBEIRO.

Praza a Deus que a tua filha esteja restabelecida, e o teu coração tranquillo. O meu poema intitula-se *Exterminio da Inglaterra, Trovas alegres por C. C. B.* Contem 650 versos repartidos em quadras. Ha-de ter um prefacio e notas Deve dar um volume de 80 paginas em oitavo pequeno com 3 quadras por pagina. Se achares um editor que me dê duzentos mil réis pela propriedade, trato de organizar os cantos que por emquanto se acham dispersos. Poderás então, no cazo de haver ahi comprador, escolher para o *Mensageiro* os trexos que quizeres.

Peço-te encarecidamente que perguntes ao Dr. Rebello da Silva se, no cazo de completa cegueira em que me encontro, deverei continuar algum tratamento. Estou que elle te responderá conscienciozamente que me rezigne, ou que morra. Não tenho palavras com que te exprima a vida atroz que me está despedaçando. Quando souberes que eu morri, alegra-te.

Teu do coração

Camillo Castello Branco.

CXX

MEU THOMAZ.

A ti e ao snr. Conselheiro Margiochi muito agradeço o favor de acreditarem que eu não fui um inquilino insolvente e fugitivo. Este conceito era para mim mais doloroso que a iniquidade da execução judicial. Ouvi ler os teus eruditos, jocosos e ás vezes tragicos versos. Estás na juventude do genio. Serás até á velhice poeta como Garrett; mas não pintarás o bigode nem farás madrigaes. Tenho peorado quanto é possivel para crer no beneficio da morte. Rogo-te que nunca te esqueças de meu filho Jorge que tanta compaixão te inspira. Logo que a mãi lhe falte só terá a tua protecção. Recommenda-me á Snr.ª D. Carlota, ao João de Gonta, e ás tuas adoraveis filhas.

Teu

S. Miguel de Seide
16/5/90

Camillo.

NOTAS

Obtida autorização da Ex.ma Senhora D. Branca de Gonta Colaço, encarregou-me o editor de fazer algumas notas às cartas que constituem êste livro. Aceitei o encargo porque os meus conhecimentos da matéria, como as espécies da minha colecção, estão sempre à disposição de quem se me dirija, seja quem fôr.

E nada há que agradecer. O meu procedimento tem um único fim — o de concorrer, quanto possível, para o estudo da vida e da obra de Camillo.

As notas são de simples esclarecimento sôbre pessoas e factos de que tratam as cartas.

Assim, sendo úteis para quem souber menos do que eu, nenhum mal farão aos que saibam o mesmo ou mais.

A êstes últimos peço que emendem os meus erros, pondo inteiramente de parte a minha pessoa e tendo em vista apenas aquele fim.

Terão os meus sinceros agradecimentos os que, dêsse modo, aperfeiçoarem êste trabalho.

Monte Agudo, 1922.

J. D. C.

NOTAS

(A numeração das notas corresponde à das cartas)

III

E' esta carta de 1873 e por ela se vê que já por êsse tempo Camillo pensara em obter o título de visconde, idea que, segundo a carta, tinha abandonado para o não *emparelharem com o Manuel Roussado ou R. Guimarães.*

O primeiro é o conhecido escritor humorístico que foi agraciado com o título de Barão de Roussado e morreu sendo cônsul de Portugal em Liverpool.

Em 1862 publicou o seu poema cómico *Roberto*, paródia ao *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro. Dêsse poema tratou Camillo na *Revista Contemporanea* (IV, 415), numa das cartas a Ernesto Biester, reproduzidas em 1865 nos *Esboços de Apreciações Litterarias.*

A crítica de Camillo foi também publicada na 2.ª ed. do *Roberto*, em 1867.

Roussado é também um dos poetas que figuram no *Cancioneiro Alegre.*

O segundo é Ricardo (Augusto Pereira) Guimarães, Visconde de Benalcanfor.

Refere-se a Camillo em alguns dos seus livros e espe-

cialmente no intitulado *Phantasias e Escriptores Contemporaneos* (1874) em que lhe consagrou um capítulo.

Em 1884, Camillo dedicou-lhe o opúsculo *O General Carlos Ribeiro.*

Na carta lê se êste periodo: «Nem sequer barão, visto que eu os cantei no jantar q̃ tu sabes melhor do que eu.»

Trata-se da poesia *Um jantar de baroens*, que faz parte do folheto *Folhas Cahidas, apanhadas na lama*, publicado em 1854, e que foi reproduzida no *Cancioneiro* como da autoria dum *Anonymo.*

VI

Fala Camillo do contentamento do Barão de Paçô Vieira com a sua transferência.

Pouco antes escrevera àquele titular, Dr. José Joaquim Vieira, então juiz de direito em Silves e mais tarde juiz e presidente da Relação do Pôrto, o seguinte: «Dize me como te vais conformando com a desgraça e se devo recommendar-te ao *Flos Sanctorum* do seculo XIX.»

A *desgraça* era a estada em Silves de onde finalmente foi transferido o Barão de Paçô Vieira.

A carta a que pertence o período transcrito está publicada no opúsculo *Cartas de Camillo* (1917), do sr. Conde de Paçô Vieira.

São 29 as cartas e acompanhadas de muito interessantes notas do sr. Conde que é um dedicado admirador de Camillo.

VIII

Vê-se nesta carta que Camillo chegou a propor ao govêrno um contracto para a publicação do livro sôbre o Prior do Crato. Nada sei a tal respeito, além do que diz a carta.

Sôbre o projectado livro veja-se a nota seguinte.

IX

Mostra esta carta que já em 1875 Camillo projectava um livro sôbre o Prior do Crato, de cuja realização duvida logo no P. S.

Durante muitos anos pensou e trabalhou nessa obra, de que apenas publicou fragmentos no *Sentimentalismo e Historia* e no *D. Luiz de Portugal*. No prefácio dêste opúsculo diz que não poderá concluir a tarefa pela idade e pela doença. Mais ou menos o que já dizia no P. S. desta carta. Creio, porém, que a verdadeira causa de não ter acabado o trabalho é a que se depreende da carta a Vitorino da Mota, publicada na revista portuense *A Illustração Moderna* (1901, n.os 8-9) — a convicção em que Camilo estava de que os editores aceitavam a obra para honrar o compromisso, mas contrariados por duvidarem do êxito da edição.

X

Nesta carta e na seguinte há referências a Miguel Maximo. Creio que se trata de Miguel Maximo da Cunha Monteiro que ao tempo era deputado e que em 1890 foi par do reino, electivo. E' também o mesmo, segundo julgo, que foi caricaturado a pags. 404 e 407 do 2.º ano do *Antonio Maria*. No 1.º ano, pags. 78 e 83, há também referências á mesma pessoa.

XI

(V. nota anterior).

XII

Fala Camillo do seu cunhado médico. E' o Dr. Francisco José de Azevedo, nascido em 1812 e falecido em 1867. A seu respeito, veja-se o cap. I do *Camillo e os Médicos*, do ilustre escritor e investigador sr. Dr. Maximiano Lemos.

No capítulo *Impressão indelevel*, das *Duas Horas de Leitura*, descreve Camillo um curioso episódio em que figura o Dr. Azevedo. Essa narrativa só aparece a partir da 2.ª edição (1858).

Os filhos do médico, sobrinhos de Camillo, são os conselheiros António e José de Azevedo Castello Branco. O primeiro, já falecido, publicou em 1885 o livro de versos *Lyra Meridional*, a respeito do qual Camillo escreveu um artigo no n.º 3 dos *Seroens de S. Miguel de Seide*, de que se fez uma edição em separado, muito rara por a tiragem ser apenas de 40 exemplares.

O segundo ainda vive e tem também um livro de versos intitulado *Ao cahir da Folha*.

Ambos foram políticos, tendo ocupado as mais altas situações durante o antigo regime.

Na carta LXX volta Camillo a referir se ao sr. conselheiro José de Azevedo.

XIII

Refere-se esta carta ao Dr. Joaquim Alves Matheus que foi cónego da Sé de Braga, grande orador sagrado e figura de relêvo na política do seu tempo.

Segundo vejo no *Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga* (1920 – vol. I, pag. 61), foi êle o autor do artigo publicado em 1866 no *Partido Liberal*, jornal bracarense, em que Fr. Bartolomeu dos Mártires era acu-

sado de traidor à Pátria, artigo que originou uma viva polémica em que Camillo interveio.

Os documentos dessa questão estão compilados em dois opúsculos: *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e a Usurpação dos Filippes* e *O Patriotismo de Fr. Bartolomeu dos Martyres.*

O primeiro foi publicado em Braga, em 1895; o segundo é impresso no Pôrto e não tem data.

Participa Camillo nesta carta a morte de Manuel, o filho do primeiro casamento de D. Anna Plácido, falecido em 17 de Setembro de 1877, aos dezanove anos de idade. A essa data se referem os versos *Se me lembro!...*, publicados na *Bohemia do Espirito.*

Refere-se depois à visita de Castilho. Foi em 15 de Julho de 1866 que se realizou essa visita que foi comemorada por D. Anna com uma pirâmide de granito levantada num recanto da quinta de Seide.

Castilho foi acompanhado por seu filho Eugénio, por Vieira de Castro e por Thomaz Ribeiro que escreveu seis quadras que os filhos de Camillo ofereceram com uma coroa de louros ao poeta, quando se inaugurou o monumento. Êsses versos estão publicados nos *Sons que passam* e a êles se refere Camillo na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* (3.º ano, n.º 1), no artigo que escreveu quando saíu a 3.ª edição do livro de Thomaz Ribeiro.

Na carta LXIII, escrita na Póvoa de Varzim, onde morreu Manuel Plácido, volta Camillo a falar da festa de Seide, realizada 19 anos antes e não 17 como diz a carta.

XIV

(V. nota anterior).

XV

Custódio José Vieira é o grande orador, falecido em 1879. Amigo íntimo de Camillo, padrinho de seu filho Nuno, *fervente tribuno, jornalista virulento*, como diz o seu amigo, era um coração generoso, uma grande alma.

No *Discurso Preliminar* das *Memorias do Carcere*, Camillo consagra algumas das suas melhores páginas a êsse homem que *a meio caminho da vida* tinha a *mimosa sensibilidade dos quinze annos.*

XVIII

Esta carta apresenta o médico e escritor José Augusto Vieira, autor, ao tempo, das *Phototipias do Minho*, publicadas em 1879.

Vieira defendeu tese em 19 de Julho de 1880.

Em 1881 publicou o romance *A Divorciada.*

Em 1886-87 saíu a sua grande obra, *O Minho Pittoresco*. Foi a última. Uma tísica galopante matou-o aos 34 anos, em 1890.

XIX

Trata do casamento do Nuno com a mulher que raptara. O rapto — *o processo irregular* — foi minuciosamente historiado pelo sr. Alberto Pimentel, a pag. 385 e seg. do seu livro *Os Amores de Camillo.*

XX

Esta carta, como a anterior, refere se ao casamento de Nuno, a que iriam assistir a filha de Camillo e os seus.

Trata-se da Ex.ma Senhora D. Bernardina Amélia Castello Branco de Carvalho, felizmente ainda viva. Vem a propósito dizer que foi justamente Nuno que, depois da morte do pai, escreveu um deplorável opúsculo contestando que aquela senhora fôsse filha de Camillo.

Em outras cartas há referências a essa filha sempre reconhecida por seu pai e pelas outras pessoas da família enquanto êle viveu...

XXVII

Esta carta trata exclusivamente do poeta Donas Boto a quem Camillo consagrou 23 páginas do *Cancioneiro Alegre*. Pede agora uma colocação para o *pobre velho* que nunca utilizara as suas cartas de doutor médico por Lovânia e de bacharel legista por Coimbra.

O pedido encontrou eco no coração de Thomaz Ribeiro que, em 15 de Fevereiro de 1883, sendo ministro do reino, nomeou Boto para o lugar de sub-inspector primário em Aveiro.

Na carta XXXIII agradece Camillo ao seu amigo a nomeação do protegido por quem tanto se interessara. Em outras cartas ainda volta a ocupar-se do mesmo assunto.

A respeito desta *singular personagem*, como lhe chama o sr. Dr. Maximiano Lemos, é de ler com proveito o cap. IV do livro *Camilo e os Médicos*, que já citei e que é uma das boas obras sôbre Camillo.

XXIX-XXX

(V. a nota anterior).

XXXI

Há nesta carta referências a Magalhães Coutinho e a

Biester. Devem ser, o primeiro, o médico ilustre que foi bibliotecário da Ajuda, e, o segundo, o dramaturgo Ernesto Biester que dos romances de Camillo *Vingança* e *Mysterios de Lisboa* extraíu os dramas *Vingança* e *A Penitência*.

Quanto ao assunto da carta, nada pode dizer o anotador por inteiramente o desconhecer.

XXXII

Trata esta carta do sr. Manuel de Ascensão Espinho que é hoje um distinto funcionário superior de finanças, dirigindo uma das repartições de Lisboa.

Grande amigo de Camillo, foi um dos raros que acompanharam o seu cadáver desde Seide ao cemitério da Lapa.

A bala do suicida não foi para o sr. Espinho, como para tantos outros, o ponto final da gratidão e da amizade. S. Ex.ª tem ainda hoje pela memória de Camillo o mesmo respeito que teve em vida pelo seu protector, acrescido apenas da viva saudade pelo seu grande amigo.

Em 1887 publicou um opúsculo sôbre matéria da sua especialidade, com dedicatória e uma carta a Camillo.

Creio que é raro porque até hoje só vi o meu exemplar que obtive com dificuldade.

Para elucidação dos camilianistas, aqui fica registado o título: *Compilação alphabetica dos regulamentos das contribuições de decima de juros, renda de casas e sumptuaria, approvados por decreto de 8 de setembro de 1887* — por Manoel d'Ascenção Espinho (escrivão de fazenda da Povoa de Varzim) — Porto. Imprensa Civilisação — 1887.

Na carta XXXIV agradece Camillo o despacho do seu recomendado.

XXXIII

(V. nota XXVII).

XXXIV

(V. nota XXXII).

XXXV

Aqui fala Camillo do seu trabalho *O Vinho do Porto* que já não poderá concluir.

Na carta seguinte, escrita três dias depois, diz que o livro já está no prelo.

Na carta XL refere-se outra vez ao trabalho então em via de publicação, excedendo já as 40 páginas do projecto e indo já em 90.

Efectivamente o opúsculo publicou se com 87 páginas e a data de 20 de Abril de 1884.

No título definitivo há uma diferença em relação ao que vem na carta: *processo de uma bestialidade* e não *processo da bestialidade.*

XLI

Refere se esta carta largamente à revista *Republicas*, então em projecto. Saíu o 1.º número em 6 de Dezembro de 1884, sob a direcção de Thomaz Ribeiro. A partir do n.º 3, figura êste como *director político* e Camilo aparece como *director literário.* Publicou-se esta revista até 1887, segundo creio.

A ela se refere Camillo noutras cartas.

O folheto de que fala na parte final da carta é, talvez, o *Suicida*, publicado em 1880, em que Camillo refundiu com ligeiras alterações dois artigos anteriores a respeito de Elisa Loeve-Weimar, senhora que se suicidou no Pôrto em 1875, sendo casada com José Joaquim Gonçalves Basto, conhecido

por *o Basto do «Nacional»* por ser o fundador e proprietário dêste jornal portuense.

Gonçalves Basto esteve emigrado em Londres, o que me faz supor que é a êle que Camillo se refere na carta, embora desconheça completamente o facto relativo a Garrett.

XLIV

Depois de considerações humorísticas sôbre a instrução do sexo feminino e suas vantagens, cita Camillo uma *Canuto*. Deve ser a poetisa D. Maria José da Silva Canuto, falecida em 1890, que à data da carta em que Camillo encarrega Thomaz Ribeiro de indagar da sua vida, era já septuagenária, pois nascera em 1812.

Mais abaixo fala da *questiuncula* com Oliveira Martins.

Trata-se da discussão com o historiador no jornal *O Primeiro de Janeiro*, a propósito do folhetim de Camillo *O Paraguay da Europa*, publicado em 17 de Julho de 1884. Oliveira Martins respondeu no jornal de 22 e Camillo replicou em 24.

Mais tarde os três folhetins foram reproduzidos na *Bohemia do Espirito* com o título *Os Jesuitas e a Restauração de 1640*.

Houve ainda uma troca de cartas entre os dois escritores. Foram publicadas recentemente nos n.^{os} 74 e 80 da revista *A B C*. E' de notar que nessa revista se dá a carta de Camillo como respondendo à de Oliveira Martins, o que é o contrário da verdade: Camillo é que escreveu primeiro, no dia 25 de Julho, dia seguinte ao da publicação do último artigo. Oliveira Martins respondeu. Assim é que fica certo.

XLVI

E' de 6 de Janeiro de 1885 o telegrama que acompanha esta carta e no qual o título do jornal *Republicas* apareceu transformado em *Republicanos*.

XLIX

Volta nesta carta Camillo a falar das *Republicas*, fazendo ver ao seu amigo os defeitos da revista e prognosticando-lhe um péssimo futuro.

Refere-se a Magalhães Coutinho que para lá escreveu um artigo. Deve ser o mesmo que aparece na carta XXXI. O Cordeiro, *esse bom homem que tem a immortalidade da Douda d'Albano*, é o poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, autor duma poesia com aquele título, bem conhecida das selectas. Na parte final da carta expõe o seu plano duma nova revista em que colaborariam Caldas, que suponho ser o sr. José Caldas, escritor ilustre, e D. Maria Amália Vaz de Carvalho, pessoas por quem Camillo sempre manifestou grande consideração literária.

LII

O prefácio e o *post-scriptum* da *Maria da Fonte* foram ambos publicados nas *Republicas*, o primeiro no n.º 13 e o segundo no n.º 18.

LIII

Continua nesta carta a mostrar o seu descontentamento quanto à revista, à sua orientação e aos colaboradores. Aquele Castilho, *com rouxinoes em pleno inverno*, é Júlio de Castilho que no n.º 10 publicou a poesia *Primavera no inverno*.

Os *contos de Lanhoso do Romeu* devem ser os que começaram no n.º 9, com o titulo *No Castello de Lanhoso*. O autor é Soares Romeu Junior, fecundo escritor que publicou vários livros dos quais os mais conhecidos são *Armas e Lettras* e *Nas Margens do Minho*. De passagem fala

ainda de Xavier Cordeiro, o mesmo da carta XLIX, e do arqueólogo Vilhena Barbosa.

Fala depois dos colaboradores desejáveis, aqueles que a revista devia ter se pudesse pagar e dispensar a colaboração gratuita, as *empadas requentadas que solicitam a publicidade.*

Entre êsses, os *raros*, lá vem Eça de Queiroz.

Com vista a certos admiradores de Camillo, que, por o serem, entendem que devem embirrar com o Eça...

LVII

Nesta carta pede indicações sôbre a forma de escrever ao rei, agradecendo o título de visconde.

Thomaz Ribeiro enviou-lhas em carta que vem mencionada no livro *Camillo Homenageado*, com o n.º 819, e que termina com esta saudação: *Ave, Camillo, cheio de graça!*

A carta que Camillo escreveu a D. Luís está publicada a pag. 191 do citado livro.

LXIII

(V. nota XIII).

LXV

Nesta carta volta Camillo a pedir por Donas Boto que estava a terminar o triénio em Aveiro (V. nota XXVII) e que desejava não ser transferido. Desta vez não foi atendido, certamente por oposição da lei; por decreto de 12 de Abril de 1886 o bom velho era transferido para Elvas.

LXVII

Promete Camillo nesta carta escrever nos *Seroens* uma crítica da tradução do *Othello*, feita por D. Luís, mas logo mudou de ideas e escreveu o opúsculo *Esbôço de Critica — Othello...*, datado de 16 de Fevereiro de 1886, vinte dias passados sôbre a data da carta. Na carta seguinte já se refere a êsse trabalho. Parece, porém, que durante algum tempo ainda pensou em fazer a republicação nos *Seroens*, resolvendo por fim não a fazer, como se vê na carta LXIX.

Na carta LXX fala outra vez do trabalho que *dará 80 páginas*, como, de facto, deu, e finalmente na LXXI anuncia a remessa de dois exemplares.

Ainda na carta a que respeita esta nota vem o protesto de Camillo contra o seu retrato publicado na *Illustração Portugueza*.

O retrato vem no n.º 28 do 2.º ano dessa revista, correspondente a 25 de Janeiro de 1886. E' o conhecido retrato que representa o escritor vestindo um casaco de gola de peles.

LXVIII

(V. nota anterior).

LXIX

(V. nota LXVII).

O Bruschy de quem Camillo fala nesta carta, é o Dr. Manuel Maria da Silva Bruschy, um dos mais distintos jurisconsultos portugueses, pai do sr. Silva Bruschy, secretário geral do Ministério das Finanças aposentado e director do Banco Colonial, justamente considerado pela sua alta capacidade intelectual e pelas suas qualidades de perfeito homem de bem.

LXX

(V. nota LXVII).

Refere-se Camillo outra vez a seu sobrinho José (V. nota XII). Fala também de *Elvino*, certamente Elvino de Brito, então deputado e, mais tarde, par do reino e ministro, falecido em 1902, salvo êrro.

LXXI

(V. nota LXVII).

Participa Camillo nesta carta que mandou comprar um jumento no campo de Coimbra.

O encarregado da escolha e compra do animal foi o Dr. Adelino das Neves e Melo que então residia naquela cidade. São interessantíssimas as cartas que, sôbre o assunto, Camillo escreveu ao seu amigo e que êste publicou em 1899 no seu opúsculo *Senilia*, impresso no Pará.

Depois de redigida esta nota foram essas cartas reproduzidas no livro do Dr. Teixeira de Carvalho, *Dois Capítulos sôbre Camillo Castello Branco.*

LXXII

O médico Soares Ferreira, mencionado na carta, é o Dr. António Augusto Soares Rodrigues Ferreira, falecido em 1908. Foi deputado na legislatura de 1880-81, sendo então colega de Thomaz Ribeiro, como diz Camillo. No capítulo XXXIX do excelente *Camilo e os Médicos*, do Dr. Maximiano Lemos, encontrará o leitor notícia dêste médico.

O juiz por quem Camillo pede nesta e noutras cartas é o Dr. José Maria de Andrade que veio a ser juiz da Relação de Lisboa. Escreveu uma monografia sôbre o mosteiro de Celas (Coimbra).

LXXIII

(V. nota anterior).

LXXIV

(V. nota anterior).

Esta carta foi escrita por D. Anna Plácido, como se diz, mas assinada por Camillo.

LXXV

(V. nota LXXII).

Esta carta foi toda, incluindo a assinatura, escrita por D. Anna que no P. S. falou em seu próprio nome.

LXXVI

Nesta carta e noutras das que se seguem trata Camillo, com grande interêsse, da concessão do título de fornecedora da Casa Real à Chapelaria Universal, de Victor & Coutinho.

Essa chapelaria tinha, em 1885, lançado no mercado diversos modelos de chapéus, sendo alguns consagrados com os nomes de homens notáveis, nacionais e estrangeiros. O jornal *Commercio e Industria*, no seu n.º 58, acusa a recepção da primeira série dos respectivos figurinos em fototipia, em número de dezoito.

Um dêles é o que tem o nome de Camillo.

Parece que Thomaz Ribeiro também mereceu essa distinção, como se vê pela carta.

Devia ser sócio da casa o sr. Henrique Coutinho que naquele mesmo ano ofereceu a Camillo um chapéu que o ro-

mancista agradeceu numa curiosa carta de 26 de Março, recolhida por Cardoso Marta no primeiro volume da sua colecção, a pag. 164.

LXXVII-LXXVIII-LXXXIII

(V. nota anterior).

LXXXV

Trata esta carta do internamento de Jorge no hospital do Conde de Ferreira, onde esteve de 2 de Agosto a 27 de Outubro de 1886.

O Dr. Senna, falado na carta, é o Dr. António Maria de Senna que foi o primeiro director daquele manicómio.

Dêsse grande alienista se ocupa largamente o Sr. Dr. Maximiano Lemos no citado *Camilo e os Médicos*, cap. XXXI.

LXXXVII

(V. nota LXXVI).

LXXXVIII

Trata esta carta da *questão dos livreiros*, a demanda levantada pelos livreiros Lugan & Genelioux a propósito da publicação da *Bohemia do Espirito*. Sôbre o caso apareceram três folhetos curiosos. São *A Diffamação dos Livreiros*, de Camillo, e *A Defeza dos Livreiros* e *A Propriedade Litteraria*, publicados por aquela firma.

LXXXIX

A *Custodia*, era uma cantadeira de Famalicão.

A ela se refere o Sr. José de Azevedo e Menezes numa nota a pag. 173 do *Camillo Homenageado*.

XC-XCI

A poesia a que se referem estas cartas tem o título *Resignação* e foi publicada em 14 de Janeiro de 1887, no n.º 343 do jornal *O Imparcial*, precedida duma apresentação de Thomaz Ribeiro.

Tanto a poesia como as palavras que a precedem saíram sem assinatura.

Foram depois reproduzidas no livro *Obolo ás Creanças*, acompanhadas dumas *Confidencias* em que Joaquim Ferreira Moutinho revela os nomes dos autores.

Henrique Marques trata dêste caso no n.º 588 da sua preciosa *Bibliographia Camilliana*.

XCIII

A propósito duma pendência dum dos seus sobrinhos, fala Camillo do duelo com Ricardo Browne.

Dêsse episódio da turbulenta mocidade de Camillo tratou com desenvolvimento o sr. Dr. António Cabral no cap. III do seu belo livro *Camillo de Perfil* e a pag. 106-107 do seu *Camillo desconhecido*, obra indispensável a quem queira conhecer a vida do Mestre.

XCV

Nesta carta refere-se ao seu casamento com D. Anna — *a tolice matrimonial* — que ainda se não fizera e que veio a realizar-se em 9 de Março de 1888.

XCVI

Esta carta foi assinada por Camillo e escrita por outra pessoa.

XCIX

A carta é escrita por D. Anna. Fala de Freitas Fortuna que é o grande amigo de Camillo, João António de Freitas Fortuna, proprietário do jazigo onde ainda está o seu cadáver.

Foi o editor do raríssimo livro *Horas de Lucta*, de que se tiraram 32 exemplares.

C

Foi assinada por Camillo e escrita pela mesma pessoa que escreveu a XCVI. Há nesta carta largas referências ao Dr. Gama Pinto, o ilustre oftalmologista que visitou Camillo em 1888. Veja-se o citado *Camilo e os Médicos*, pag. 601 e seg.

CI

O António Vaz de Nápoles, falado nesta carta, deve ser a pessoa que escreveu as XCVI e C.

CIII

Foi escrita e assinada por D. Anna.

CIX

Foi escrita por D. Anna e assinada por Camillo.

CXI

Esta carta é toda, incluindo a assinatura, do punho de D. Anna.

Trata da pensão concedida a Jorge. A pensão foi estabelecida pelo decreto de 23 de Maio de 1889 que não a isentava de impostos, pelo que Camillo pede a Thomaz Ribeiro que na Câmara dos Pares faça a respectiva proposta.

Em 3 de Junho o govêrno apresentava ao Parlamento uma proposta de lei confirmando aquele decreto. No mesmo dia a comissão de fazenda da Câmara dos Deputados dava o seu parecer favorável com o aditamento relativo á isenção de impostos, talvez a pedido de Thomaz Ribeiro.

No dia 4 foi o projecto aprovado por aclamação, por proposta de João Arroio.

Transitando o projecto para a câmara alta, a respectiva comissão de fazenda dava parecer favorável no dia 6 e no dia seguinte era o projecto aprovado também por aclamação como propôs Thomaz Ribeiro.

No livro *O Romance do Romancista* do sr. Alberto Pimentel, vem a descrição minuciosa do que se passou nas duas câmaras a respeito dêste projecto.

CXII-CXIII

Ambas são escritas e assinadas por D. Anna.

CXV

Esta carta foi escrita em Carnaxide.

CXVII

O livro de Guilhermino de Barros a que nesta carta se refere Camillo, foi publicado em 1894. Na *Bohemia do Espirito*, pag. 203 e seg., vem o perfil literário dêste escritor e amigo de Camillo. Na revista *A A'guia* foram publicadas algumas cartas que Camillo lhe escreveu.

CXVIII

Escrita e assinada por D. Anna.

CXIX

A letra é de D. Anna, menos na assinatura que é de Camillo.

Pede a Thomaz Ribeiro que procure editor para o *Exterminio da Inglaterra*. De tal poema vieram a lume, segundo creio, apenas dois fragmentos. Um deles — 18 quadras — foi publicado no *Anathema*, número único que saíu em 1890, em Coimbra, de protesto contra o *ultimalum*.

O segundo — 38 quadras — apareceu no jornal *A Republica*, do Pôrto, em 22 de Abril do mesmo ano.

Êste foi reproduzido no n.º 2 da publicação *O Bibliophilo* (Pôrto, 1909) e os dois foram recolhidos por João Paulo Freire (Mario) na 2.ª edição do seu *Entre Gigantes!* (1917).

Parece que Camillo chegou a completar o poema porque no museu de Seide existe um manuscrito encadernado, com versos e aquele título, segundo informa o *Camillo Homenageado*. Refere-se a carta ao *Mensageiro*. Dessa publicação de Thomaz Ribeiro saíram, creio, apenas três números.

O primeiro — *Carta d'Alforria* — publicou-se em 1889, em homenagem a D. Pedro, Imperador do Brasil, que acabava de ser destronado.

O segundo — *A Patricia* — é de 1890, a propósito do *ultimatum*.

O terceiro — *Senhor, Não!* — saíu em 1897, a respeito do então próximo centenário da India.

No n.º 1 vem uma carta de Camillo.

Dêsse mesmo número, mas só da parte escrita por Thomaz Ribeiro, fez-se em 1895 uma edição no Rio de Janeiro.

Fala ainda a carta do Dr. Rebelo da Silva que foi um dos médicos que Camillo consultou. Do conhecido homeopata se ocupa o sr. Dr. Maximiano Lemos, a pag. 632 e seg. do *Camilo e os Médicos*.

CXX

Esta carta é escrita e assinada por letra que não é de D. Anna nem da pessoa que escreveu as cartas XCVI e C.

Deve ser esta a última carta porque é datada de 16 de Maio de 1890, isto é, a duas semanas da morte de Camillo.

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE LIVRO NA IMPRENSA
DE MANOEL LUCAS TORRES, EM LISBOA,
NA RUA DO DIARIO DE NOTICIAS,
57 A 61, AOS 12 DE SETEMBRO
DE 1922

PORTVGALIA — EDITORA

CORRÊA, Limitada

75, Rua do Carmo, 75 — Lisboa

AMEAL (JOÃO)

Nossa Senhora da Morte (novela), 1 vol. br..... 3$00

Semana (A) de Lisboa, 1 vol. br..... 3$50

AZEVEDO (D. MARIA PAULA DE)

Brianda (novela historica), 1 vol. br..... 2$50

Portugal para os pequeninos (Os grandes portugueses)..... 2$50

BLASCO (MERCEDES)

Bastidores (Os) do Amor, 1 vol. br..... 3$00

Caras pintadas (no prelo)

CAMILO CASTELO BRANCO

Cartas escritas a Tomaz Ribeiro, com um prefacio de D. Branca de Gonta Colaço, 1 vol. br. 7$50

Cartas amorosas duma freira, com uma carta prefacio do dr. Antonio Baião, 1 vol. br. ..... 2$50

CARVALHO (D. MARIA A. VAZ DE)

Cartas a Luiza (moral, educação e costumes). 2$50

CARVALHO (D. MARIA DE)

Folhas, poesias, 1 vol br. 3$00

CLARINHA (D. CARLOTA SERPA PINTO SANTOS MOREIRA

Cinco horas, 1 vol. br. 4$00, enc..... 7$50

COLAÇO (D BRANCA DE GONTA)

Auto dos faroleiros (Peça de theatro) 1 vol. br.. 5$00

Hora da sesta, versos, 1 vol. br..... 3$00

A' margem das cronicas 1 vol. br. ..... 1$00

COLAÇO (THOMAZ RIBEIRO)

Agua da fonte, versos, 1 vol. br..... 2$50

Primeiros versos, 1 vol. br..... 2$00

CONDE DE SABUGOSA

Outra Rainha D. Amelia) um opusculo, com o retrato..... 2$50

Rainha (A) D. Leonor, 1458-1528, 1 vol. de 384 pag. com 15 estampas..... 20$00

COSTA (DR. SOUSA)

Ressurreição dos mortos, romance, 1 vol. enc.... 2$50

DELGADO (D. BEATRIZ)

Amorosa, versos, 1vol. br. 3$00

FERRO (ANTONIO)

Gabriel d'Annunzio e Eu, 1 vol br..... 3$00

Leviana, novela, 1 vol. br. 2$00

Theoria da indiferença, 1 vol. br..... 1$50

LOBATO (GERVASIO)

Primeira confessada (esgotada) 1 vol. enc..... 7$50

LUZIA

Rindo e chorando, 1 vol. br. 3$50, enc..... 7$00

OLIVEIRA (A. CORRÊA)

Pão nosso — Alegre vinho — Azeite da candeia, versos, com desenhos de Antonio Carneiro, 1 vol. br. 5$00, enc. 7$50

PIMENTA (DR. ALFREDO)

Livro das chymeras, versos, 1 vol. br ..... 3$50

PINTO (DR. MANOEL DE SOUSA)

Mãos (As) da vida, 1 vol. br..... 2$50

Para onde vaes Maria, 1 vol. br. 3$50, enc.... 6$00

PQ
9261
C3Z548
cop.2

Castello Branco, Camillo
Cartas de Camillo Castello
Branco a Thomaz Ribeiro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 11 20 02 004 9